ANO 18.º QUINTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 1939 N.º 5818

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

O DEPUTADO sr. engenheiro Botelho Neves chamou ontem a atenção da Assembleia Nacional para a falta imperdoavel de não se haver dotado a Nazaré com um porto de abrigo.

Ainda ha poucos dias se deu a arripiante tragedia que custou a vida a sete pescadores, quasi todos chefes de familia. Todos os anos o mar exige novos sacrificios de vitimas que pagam assim a imprevidencia dos homens.

Porque as palavras do sr. engenheiro Botelho Neves são patrioticas, piedosas e justas, dâmos-lhe o nosso franco apoio, pedindo para a Nazaré o que reputamos elementar e absolutamente necessario para a defesa e conservação duma industria em que os trabalhadores nem sequer medem o valor do seu esfôrço.

* * *

DANIELLE Darrieux abandona Hollywood e regressa a França, enferma de um mal secreto que uns chamam o peso da gloria e outros o peso dum coração ferido de amor.

O acontecimento poderia deixar de incluir-se no numero das noticias sensacionais, se não existisse o snobismo das enormes futilidades e o «fru-fru» das belezas que se gastam, como as velas de cera, queimando-se á luz baça das noites sem luar e sem repouso.

Seja como seja, Danielle Darrieux — formosa, rica, talentosa e cortejada — suspira pela França querida, a-fim-de curar-se, no seio da Patria, da vaga alta de cosmopolitismo que lhe torturou os nervos e o coração.

O mundo inteiro não concede a felicidade, quando nós a buscamos com inquietação e tristeza.

* * *

WUISTON Churchill continua na Imprensa uma campanha vigorosa em defesa das suas concepções de politica externa.

No mesmo dia em que o chanceler da Alemanha o atacava, directa e rudemente, no seu discurso do Reichstag, o velho politico inglês escrevia um artigo sobre as intenções de Mussolini.

Para Churchill, o chefe da Italia fascista tem, em grande parte, a sua acção comprometida pelo chefe da Alemanha nazi.

O seu artigo foi escrito antes da sessão do Reichstag. Hitler já lhe respondeu nos termos que julgou adequados aos superiores interesses da sua patria.

* * *

O NOVO discurso de Chamberlain foi ouvido com atenção, mas sem torrentes de entusiasmo.

Repetiu o que já afirmara, por varias vezes, salientando que a Inglaterra luta pela paz, com todo o seu poderio militar.

Sob uma aparencia quasi evangelica, mostrou que, se vier a hora em que a fôrça decide do destino das Nações, a Inglaterra estará atenta e pronta.

E' caso para dizer:

— Durmo armado para ter o sono mais leve!

O «DIARIO DE LISBOA» NA CATALUNHA

A cidade de Barcelona pouco sofreu

mas o porto ficou grandemente danificado

Uma visita ao forte de Montjuich — lugar de milhares de execuções

(Do nosso enviado especial)

BARCELONA, 2. — As cidades tambem sofrem de mimetismo. E' o caso de Barcelona. Em menos de três dias a sua expressão mudou completamente.

Logo de manhã, grandes massas de gente invadem as ruas principais. Sente-se que esta gente não se apercebeu ainda de que tudo mudou.

No meio do intervalo necessario para organizar os serviços nas oficinas, nos escritorios e nas repartições, em tudo quanto representa trabalho, a multidão passeia a sua vaga curiosidade insatisfeita.

Não se pode dizer que Barcelona tenha sofrido «muito» com a guerra. A cidade nova monumental, com os seus pequenos arranha-ceus, encontra-se como ha três anos.

O porto — que era considerado como zona de guerra — sofreu nas suas construções. Dentro de agua, mesmo em frente da estatua de Cristovam Colombo, está um navio mercante deitado de lado, á altura da rambla. Os armazens da Alfandega, os paiois de gasolina, o caminho de ferro, a base de hidro-aviões desapareceram ou estão em ruinas. Três hidro-aviões nacionalistas vigiam o porto, amarados. Um grande navio está descarregando carvão. Já o sabia, porque já tive agua quente no hotel...

Em breve haverá sabão para lenços que não são «rojos», mas negros.

O porto, vigiado militarmente, foi, realmente, autentica zona de guerra. Vê-se... Em breve, voltarão as escalas das carreiras de navegação, reanimando as suas aguas paradas.

A' esquerda, fica Barcelona. E' uma zona de fabricas. Ha cavalos mortos, trincheiras manchadas de sangue, cartuchame abandonado. Está ocupada por marroquinos dos Regulares.

Perto, no Palacio das Belas Artes, uma bomba caiu dentro da nave, destroçando os orgãos musicais. Os vermelhos levaram quadros e esculturas, deixando três retratos de Afonso XIII, todos de corpo inteiro, de pintura «régia». Num tem as vestes brancas da Ordem de Calatrava; noutro, sentado, quando tinha 18 anos, o ex-rei tem o hábito de Santiago sobre a farda de general; no terceiro, enverga o trajo de presidente dos tribunais de Justiça, estando em pé, de manto vermelho, com o «Tosão de oiro». Ficaram tambem os quadros que representam um soldado francês de 70 e a morte de Afonso XII, com as princesas á volta do soberano.

Passo nas ramblas, onde se vendem já flores — na cidade onde o pão escasseia.

Na praça da Catalunha, ao sol da manhã, ha numerosas raparigas, velhos e crianças, conversando despreocupadamente, sem olhar para o Hotel Colón, parte do interior do qual foi queimado.

A vida na cidade é normal. Vêem-se poucos soldados. Ha centenas de janelas embandeiradas. Em muitas ha «edredons» vermelho-oiro.

As lojas não têm que vender. As farmacias estão abertas. Felizmente não ha feridos.

Ha montras com imagens que, pela poeira que as cobre, se adivinha que estiveram escondidas.

No Paseo de Gracia, uma «vitrine» com artigos de sêda para senhoras extasia as mulheres.

Pode dizer-se que quasi ninguem fuma. E quando algum estrangeiro lança fora uma ponta de cigarro, mãos ávidas apressam-se a disputá-la.

Ha «bichas» enormes: a da comida rodeia um quarteirão; na do dinheiro cada um troca as pesetas de antes do movimento por dinheiro moderno; ha tambem a dos pertencentes a profissões filiadas na Confederação Nacional do Trabalho, para identificação individual.

Na Avenida das Côrtes Catalãs, ha muitos predios em ruinas já calcificadas pelo tempo.

Subo ao famoso Paralelo, encontrando duas paralelas de terra vermelha, dividindo os passeios dos abrigos onde a população que ainda não tem casa se recolhe mal anoitece.

Aos lados, fechados, os «cabarets», os «Moulins Rouges», os salões de variedades onde as bailarinas cantavam e recebiam cigarros como a melhor prenda.

Os habitantes da cidade andam naturalmente, sem receio. Continua a não haver policias.

Ha crateras de bombas da aviação no meio das ruas.

O bairro vermelho perdeu as suas caracteristicas. Sente-se que todos os moradores querem ser amaveis, insinuantes, como se dissessem: «O que lá vai, lá vai!».

Não se dá pela falta dos fugidos, de tal maneira Barcelona se encontra cheia.

Procuramos o consulado de Portugal, no Paseo de Gracia, 112, onde estiveram instalados serviços da «Generalitat». Não encontramos nem rastro. No entanto, ele ainda figura na lista dos telefones em uso, numa pagina onde vêm os numeros dalguns condes.

O recinto da Exposição tem as suas áleas convertidas em cemiterio de automoveis. Não está nada perdido. Nos lagos com cristais coloridos — já sem peixes que a fome não poupou — ha jôrros de agua. Ao alto, o Palacio que vimos Afonso XIII e Primo de Rivera inaugurarem num dia festivo. Ha um pequeno Escurial fechado, como o «pueblo español». Como em toda a cidade, ficaram as lindas estatuas, menos a do conde de Guell, antigo alcalde e grande animador de Barcelona, que foi arrancada do pedestal, onde o seu nome foi picado. Barcelona não perdeu, pois, muito da sua pompa e da sua grandeza.

O desejo de ver a prisão onde um juiz instruiu o processo do general Goded, leva-me a Montjuich, que fica entre o mar e a cidade. O panorama é extraordinario. Sob uma luz mediterranica, vejo a cidade toda em prismas e facetas quadriculadas de janelas entre os montes de Asuiz e de Tibidabo. O sol arranca á urbe chispas — e ela parece um diamante branco e côr de rosa voltado para o mar. Recordo que foi aqui o fuzilamento de Ferrer, que tanta repercussão teve em Portugal. O forte é recortado de angulos e interiormente tem um vasto fôsso circular. A' ultima hora, os vermelhos construiram ali plataformas para peças de grande alcance, voltadas ao mar, mas ainda por concluir. Estavam ali mil e duzentas pessoas presas, tendo cêrca de cem sido levadas pelos vermelhos. Um velho oficial reformado da Guarda Civil acompanha-nos á ponte sobre o fôsso. Ha uma porta estreita que é a unica fenda naquelas altas e espessas muralhas ennegrecidas pelo tempo. Dentro, tudo são paredões e abóbadas. E ao centro vejo um patio com prisioneiros. Descemos uma enorme escadaria, e a luz vai sendo cada vez menor. Ha mais prisioneiros de guerra. Nos degraus ha uma lanterna e candeias feitas com latas de conservas. Mostram-nos o sitio onde estiveram os defensores de Teruel que os vermelhos aprisionaram. A luz é muito escassa. As grades deitam para outra ala cheia de prisioneiros. Não se respira na masmôrra onde estiveram os nacionalistas. E' um espectaculo horrivel, dantesco. Ha um calor de fôrno. O oficial leva-nos ao fôsso de Santa Helena, onde caíram milhares de vitimas. Os angulos do fôsso são rodeados por tristes e cinzentas muralhas. Numa pequena escada ao lado, no paredão, costumam colocar-se as autoridades. Em baixo, o chão está manchado de sangue. O sitio amarelo onde se alinham os pelotões executores destaca-se na relva verde e humida. Pregunto onde são colocados, quando ha execuções, os condenados; informo-me de que não ficam junto á parede, mas a vinte metros dela. A parede estaria muito mais esburacada se não a tivessem recoberto de cimento.

Foi ali que o general Goded morreu, tendo passado pela fita de pedras que fica ao meio do terreno. Os vermelhos fuzilavam os presos aos grupos de dez. E conta o oficial que nos acompanha que uma mulher, ao soar a descarga, gritou: «Viva Franco!», enquanto ao lado um anarquista morria clamando: «Viva a F. A. I.!».

Mas Barcelona já esqueceu tudo isto. Os cines já reabriram, e desde anteontem que ha carne — coisa que ha dois anos não acontecia.

ARTUR PORTELA

Ocupação de Berga

BURGOS, 2 — Anuncia-se que os nacionalistas ocuparam Berga. — (H.)

Aviões abatidos pelos nacionalistas

BURGOS, 2 — Radio-Nacional anuncia que os nacionalistas abateram no mês de janeiro 55 aviões inimigos e 18 provaveis. — (Havas)

Visita dum torpedeiro italiano a Barcelona

BARCELONA, 2 — O torpedeiro italiano «Orsa» chegou a este porto. O comandante visitou as autoridades, que retribuiram a visita. — (Havas)

O bispo de Barcelona esteve escondido num subterraneo desde o começo da guerra

BURGOS, 2 — Emmanuel Iririta Al-

(Vê-se continuação na pagina central)

O «DIARIO DE LISBOA» DE HOJE É DE 12 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

Sindicato Nacional dos Profissionais na Industria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa.

COMUNICADO

Acôrdo de trabalho da Industria Hoteleira

A Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Profissionais na Industria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa encontra-se ao corrente da descabida confusão existente em varios estabelecimentos dos signatarios do acôrdo, o que origina mal-entendidos que é conveniente esclarecer, tanto para elucidação dos industriais mal informados como dos empregados, e por isso, cumpre-lhe informar:

1.º — O Acôrdo Colectivo de Trabalho assinado em 30 de dezembro p./p. entra em vigor imediatamente após a sua publicação no Boletim do Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia: esta publicação é datada de 31 de dezembro de 1938.

2.º — Em qualquer dos casos a clausula 46.ª referente á Caixa Sindical de Previdencia entrou em vigor no dia 1 de janeiro, para os signatarios do dia 30 de dezembro e para os demais na data da sua assinatura.

3.º — Entrando em vigor, não são permitidos vencimentos inferiores aos fixados no mesmo documento, sem prejuizo dos que sejam mais elevados, não podendo ser retiradas as regalias que até á data da entrada em vigor do Regulamento do Horario de Trabalho (15 de agosto) eram concedidas ao respectivo pessoal (quarto, «acompanhamentos», fardas, etc.), o que aliás era proíbido pelo Decreto-lei n.º 24.402/26.917 (artigo 26.º).

4.º — A distribuição da «taxa de serviço» deverá ser efectuada nos termos do mesmo Acôrdo e dentro dos prazos nele fixados.

5.º—Que a aplicação activa do horario de 8 horas começou a exercer-se a partir de 21 de janeiro para os estabelecimentos não signatarios do Acôrdo, tendo sido concedida a tolerancia de *mais dez dias* a estes ultimos para ultimarem a elaboração dos respectivos mapas e se integrarem na organica do mesmo documento.

6.º—O Sindicato prestará todas as informações que lhe sejam solicitadas sôbre o Acôrdo, e pede que sempre que o mesmo não seja cumprido lhe seja comunicado, para serem tomadas as devidas providencias, informando mais que o mesmo documento se encontra impresso neste sindicato, na União Hoteleira de Portugal e no Monte Estoril na sua secção (em organização).

7.º—Esta Comissão Administrativa pede a todos os filiados para informarem o Sindicato de quaisquer deficiencias que tenham sido notadas ou defeitos que necessitem de correcção, para serem, no devido tempo, apresentadas á Comissão Corporativa que as resolverá.

Lisboa, Sindicato Nacional dos Profissionais na Industria Hoteleira e Similares do distrito de Lisboa, em 2 de fevereiro de 1939.

Pela Comissão Administrativa,
Manuel Mendes Leite Junior.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 3.—S. Braz, bispo Martir.

Lausperene, sai da capela de Nossa Senhora do Carmo para a de Nossa Senhora de Conceição á Carreira.

Carmo, ás 11 e 30, missa da reposição do Santissimo.

Capela da Carreira, ás 11 e 30, missa solene da exposição do Santissimo; ás 18, Terço de benditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos e exposição da imagem nos igrejas do costume.

CAMBIOS

CHEQUE SOBR	Compra	Vendas
Londres	110$15	110$19
New-York	23$54,4	23$55,7
Paris	$62,2	$62,2
Berlim	9$45 0	9$45,6
Amsterdam	12$67,9	12$68,6
Bruxelas	3$97,7	3$97,9
Roma	1$23,8	1$23,9
Zurich	5$31.6	5$31,9
Praga	$80,7	$80,7
Rio de Janeiro	1$37,6	1$37,7
Burgos (Espanha)	—	—
Libra ouro	—	—

PAPELARIA CARLOS

Papeis tecnicos para desenhos Continuo, Vegetal, Marion, Ozalid e tela

Rua do Ouro, 36 — LISBOA

APRENDA A DANÇAR

Lições e **Treinos** com Professoras, **desde 5$00,** horas a escolha. Prof. Machado.

Rua dos Fanqueiros 286-1.º. Telef. 22465

DE LUTO

D. Maria José Coutinho Rebelo Cancella

Confortada com os ultimos sacramentos da Igreja, faleceu ontem, na sua casa da rua Braamcamp, 56, esta ilustre senhora, viuva do conselheiro Paulo Cancella, que foi muitos anos Procurador regio junto da Relação de Lisboa, mãe das sr.as D. Laura Cancella Infante de La Cerda e D. Maria Cancella Emidio da Silva, sogra dos srs. Camilo Infante de La Cerda e professor Fernando Emidio da Silva, avó das sr.as D. Lucia Infante de La Cerda de Staw Monteiro, D. Alice Cancella Infante de La Cerda, D. Maria Cristina Cancella Emidio da Silva, Manuel Cancela Emidio da Silva e professor Armindo Monteiro; tia das sr.as D. Abelina e Adriana Cancella de Abreu, D. Maria Teresa Pequito de Carvalho, D. Marcia Pequito de Albuquerque Bettencourt, D. Adriana Pequito Vaz Pinto, D. Valentina Pequito Raposo, D. Delfina Pequito Rebelo, D. Maria Emilia Cancella Sampaio Duarte, e dos srs. dr. José Pequito Rebelo, que veio expressamente da Espanha para assistir aos seus ultimos momentos; drs. Armando Paulo, Alexandre e Augusto Cancella de Abreu, conselheiro Sampaio Duarte, drs. José Jacinto de Bettencourt, Hipolito Raposo, engenheiro Vaz Pinto e major Vasco de Carvalho; prima e intima amiga da sr.ª D. Julia Senbra de Castro.

A bondosa senhora, que era bisavó dos quatro filhos dos srs. embaixadores de Portugal em Londres, faleceu rodeada da sua numerosa familia e num confortavel ambiente de carinho e ternura.

O corpo sai amanhã, ás 9 horas, em auto-carro para Anadia, onde se realiza o funeral ás 17 horas e onde, pelas suas nobres qualidades e feição caritativa, muito sentido vai ser o seu desaparecimento.

Os serviços funebres estão a cargo da Agencia Barata.

Gremio dos Industriais de Confeitaria

A entrega do respectivo alvará

No Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia Social, realizou-se esta tarde, com grande concorrencia, a cerimonia da entrega do alvará e dos estatutos á comissão organizadora do novo Gremio Nacional dos Industriais de Confeitaria, composta pelos srs. Jeronimo Neto, presidente, Antonio Rodrigues do Amaral e Manuel Baptista.

Presidiu o sr. dr. Mario Gusmão Madeira, adjunto do Instituto, que fez entrega daqueles documentos, pronunciando algumas palavras acerca do valor e da utilidade da organização corporativa, e acrescentando que não só o Estado e a Nação, mas os empregados e os operarios de cada ramo têm o direito de esperar qualquer coisa de interessante da formação dos respectivos Gremios. Assistiu tambem o sr. dr. França Vigon, chefe da secção de organização corporativa.

O sr. Jeronimo Neto, depois de falar da importancia da industria de confeitaria, dizendo que uma das razões mais fortes que os levaram a pedir a organização do Gremio foi a situação do pessoal cujo nivel de vida é preciso melhorar, enalteceu a obra realizada pelo Estado Novo, expôs as directrizes da comissão organizadora do Gremio, e pediu ao sr. dr. Mario Madeira que transmitisse as saudações de todos os presentes ao sr. sub-secretario de Estado das Corporações e Previdencia Social.

VITIMAS DE DESASTRES

Faleceu no hospital de Santo Antonio dos Capuchos o trabalhador Antonio Lopes de Azevedo, de 25 anos, morador na travessa Henrique Cardoso, 20 r/c., que foi colhido por um comboio, proximo do Arieiro.

—Muito ferido na cabeça, por ter sido colhido por um casco de cerveja na fabrica Portugalia, recolheu ao hospital de S. José, o trabalhador Abilio Alves Cotrim, de 33 anos, morador na avenida Cinco de Outubro.

A transferencia dos gasometros

da Companhia do Gás

Um decreto publicado hoje na folha oficial autoriza o governo a aprovar o protocolo adicional ao contrato celebrado entre o Estado, a Camara Municipal de Lisboa e as Companhias Reunidas Gás e Electricidade para a transferencia da fabrica do Gás e dos respectivos gasometros das proximidades da Torre de Belem para a Matinha.

O MAJOR GENERAL DA ARMADA

foi reconduzido no exercicio do cargo

Assinada pelo sr. presidente do Conselho saiu hoje na folha oficial uma portaria na qual o sr. dr. Oliveira Salazar, ao abrigo da lei, determina que seja reconduzido no cargo de major general

Vice-almirante Mata Oliveira

da Armada o sr. vice-almirante Joaquim Anselmo da Mata Oliveira, que era brevemente atingido pelo limite de idade deste posto.

A decisão do sr. presidente do Conselho, representa para o ilustre oficial e para toda a Armada o reconhecimento das altas qualidades do sr. almirante Mata Oliveira reveladas através de uma longa e brilhante carreira e, ultimamente, confirmadas no exercicio do mais alto cargo de comando na Armada Nacional.

Ao sr. almirante Mata Oliveira, a quem o «Diario de Lisboa» deve muitas atenções, apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

A representação de Monsanto

visitou a Casa das Beiras

A representação de Monsanto que, acompanhada pelo sr. governador civil de Castelo Branco, veio a Lisboa para receber o «Galo de prata» que lhe foi atribuído no concurso organizado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, foi recebida hoje, á tarde, na Casa das Beiras, onde o grupo folclorico entoôu diversas canções regionais. Enquanto estiverem em Lisboa, os membros da referida representação tencionam cumprimentar o chefe do Governo, visitar os museus e assistir a diversos espectaculos.

TRIBUNAIS

Na Boa Hora

No 3.º Juizo Criminal foi hoje condenado a 8 anos de prisão maior celular, seguidos de 12 de degredo, na alternativa de 25 de degredo, Augusto Silva Freire, acusado de ter furtado um contador de electricidade e tentado agredir com uma navalha o sr. Miguel Pina Freire, de cujos escritorios o criminoso fôra despedido.

Mocidade Portuguesa Feminina

As «lusas» inscritas no centro n.º 5 devem comparecer na sede do seu centro, liceu Maria Amalia Vaz de Carvalho no proximo sabado, 4 de fevereiro, pelas 9 horas.

— São convidadas as filiadas inscritas nos centros escolares n.º 1 e n.º 9 para comparecerem no liceu Maria Amalia Vaz de Carvalho no mesmo dia e hora.

Leilão de Livros

Continua esta noite, ás 21 horas, e até sabado, na Casa Liquidadora. Rua do Alecrim, 70, o leilão da magnifica biblioteca Fiuza da Silva. Ha catalogos impressos.

A GRAVATA CHIQUE DAS PESSOAS DE BOM GOSTO

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18×24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 1, 1.º ANDAR — LISBOA — TELEF. 4 7063

O ministro da Marinha

reassumiu hoje a gerencia da sua pasta

O «Diario do Governo» publicou hoje o seguinte decreto:

Tendo cessado o motivo que impediu o comandante Manuel Ortins de Bettencourt, ministro da Marinha, de gerir os negocios da sua pasta;

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 81.º da Constituição:

Hei por bem, sob proposta do Presidente do Conselho, exonerar o doutor Antonio de Oliveira Salazar, presidente do Conselho, ministro das Finanças e interino da Guerra e dos Negocios Estrangeiros, do exercicio interino de ministro da Marinha, para que havia sido nomeado enquanto durasse o impedimento do respectivo ministro, e me apraz declarar exerceu com zêlo, inteligencia e acendrado patriotismo.

Publique-se. Paços do Governo da Republica, 2 de fevereiro de 1939. *Antonio Oscar de Fragoso Carmona—Antonio de Oliveira Salazar».*

O sr. capitão de fragata Ortins de Bettencourt já hoje esteve a dar despacho aos almirantes no seu gabinete.

O aniversario da entronização

do sr. Cardial Patriarca

Revestiram-se de grande luzimento as cerimonias religiosas que hoje se realizaram na igreja de S. Domingos, comemorativas do nono aniversario da entronização do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira no Patriarcado de Lisboa.

Pelas 11 horas, com o templo repleto de fieis e com a assistencia do cabido e do clero paroquial e não paroquial, houve a benção das velas pelo sr. Cardial Patriarca, que em seguida presidiu á procissão, que deu a volta ao templo interiormente.

Serviram como diaconos de solio os conegos drs. Pereira dos Reis e Gracias e presbitero assistente o dr. Manuel Anaquim, deão da Sé Patriarcal. Ao baculo esteve o prior de S. Domingos, monsenhor Manuel Vieira.

Celebrou-se depois missa pontifical, oficiada pelo rev. conego dr. Carneiro Mesquita. O celebrante foi assistido pelos referidos diaconos e á cerimonia assistiram, além do sr. Cardial Patriarca, os srs. arcebispo de Mitilene e bispo de Vatarba. Fizeram de mestres de cerimonias os rev. dr. Honorato Monteiro e beneficiado Filipe Cardoso.

Durante a tarde, numerosas pessoas de varias categorias sociais estiveram no Paço Patriarcal, onde deixaram cartões de felicitações.

"Noite da Aficion,,

No «Grupo Tauromaquico Sector 1», realiza-se no proximo sabado a «Grande Noite da Aficion», a que se digna assistir a Embaixada Cientifica do Brasil.

O programa consta de sarau artistico em que colaboram o soprano Almerinda Monteiro o tenor Delfim Serra e outros elementos artisticos, sendo o baile abrilhantado pela «Nighting Orquestra».

Conferencias

O sr. almirante Gago Coutinho realiza no proximo sabado, na Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre a «Colaboração dos portugueses no descobrimento da Australia». Os bilhetes distribuem-se na secretaria da Sociedade.

— O sr. Raymond Narvier fará amanhã, ás 15 horas, no Liceu de Pedro Nunes, uma palestra sobre «La France e la Revolution».

MOBILIAS DA GRANJA

Modêlos de incomparável beleza sempre por preços fora de toda a concorrencia. Visite nas Exposições. Em Lisboa: Calçada do Sacramento, 5 (ao Chiado). Em Coimbra: Av. Navarro, 41.

RETIRO DA SEVERA Telefone 2 5979

HOJE — NOITE DA MODA — HOJE

Deonilde Gouveia, Natalia dos Anjos, Natividade Pereira, José Porfirio, Alberto Ribeiro, Xavier Pinto, Armandinho, Jaime Santos, Santos Moreira e Alberto Correia.

Entrada 1$00 — Consumo 2$50

SABADO, 4 — O maior acontecimento artistico da epoca. Noite de **«Fado Rigoroso»,** e **«O Fado no Teatro»,** com a gentil colaboração do actor **ESTEVÃO AMARANTE.**

Reserve imediatamente a sua mesa. Entrada por mesa reservada.

SOLAR DA ALEGRIA Telefone 2 4290

A melhor Casa de Fados de Lisboa

HOJE QUINTA-FEIRA HOJE

Colossal programa com artistas de 1.ª Categoria

MARIA DO CARMO TORRES

ROSA MARIA, DOMINGOS SILVA, FRANCISCO SANTOS (o rei do riso) — GUITARRADAS POR CASIMIRO RAMOS E ARMANDO MACHADO.

ENTRADA LIVRE CONSUMO 2$50

CAFÉ MONDEGO — Tel. 2 5676

Hoje: **Alcidia Rodrigues, Lino Teixeira,** e estreia de **Fernanda Duran.**

Sabado, **«A Voz da Razão».**

Colete Encarnado Telefone 2 1568

Direcção artistica do cantador **Jasé Rocha.**

Hoje as 21 horas: Estreias de **José Pereira, Mariana Chagas** e **Fernando Igreja,**

Vida desportiva

FOOTBALL

Campeonato Nacional

O Campeonato Nacional, organização da Federação de Football, prossegue no proximo domingo, com os seguintes desafios:

Lisboa (Salesias):

Belenenses-Academica. Arbitro, Eduardo Augusto (Setubal). Delegado, Pinto Soares.

Lisboa (Lumiar):

Sporting-Academico. Arbitro, J. J. Trindade (Setubal). Delegado, dr. Oliveira Duarte.

No Porto (Constituição):

F. C. do Porto-Casa Pia. Arbitro, Vasco Ataide (Coimbra). Delegado, Manuel da Silva Reis.

No Barreiro (Rossio):

Barreirense-Benfica. Arbitro, Amavel Carvalho (Porto). Delegado, presidente do Barreirense.

2.ª Divisão do Campeonato Nacional

Os clubes de Lisboa que tomam parte no Campeonato Nacional disputam no proximo domingo os seguintes encontros:

Lisboa (Tapadinha):

Carcavelinhos-Luso do Barreiro. Arbitro, Luiz Camara (Santarem). Delegado, presidente do Carcavelinhos.

Marinha Grande:

Marinhense-Marvilense. Arbitro, Evaristo Santos (Setubal). Delegado, presidente do Marinhense.

Lisboa (Lumiar):

Operario-Torreense. Arbitro, Costa Marques (Setubal). Delegado, presidente do Operario.

Lisboa (Chelas):

Chelas-Cuf. Arbitro, João Santos Junior. Delegado, Rui Seixas.

Setubal (Bomfim):

Bomfim-União de Lisboa. Arbitro, Inacio Augusto (Evora). Delegado, presidente da Associação de Football de Lisboa.

Portugal-Suiça

O seleccionador nacional não fez hoje treino. Resolveu dar descanso aos jogadores. Na proxima semana, porém, continuarão as sessões de apuramento e treino.

Todos os lugares de bancadas (nos camarotes nem é bom falar) estão vendidos, e a avaliar pelos pedidos, se mais bancadas houvesse mais se venderiam. E' que, posto de lado o Portugal-Espanha, por causa da guerra, o Portugal-Suiça assume uma importancia capital em virtude das derrotas por nós sofridas em Italia e na Suiça.

A selecção suiça deve chegar a Lisboa no proximo dia 9, cerca da meia noite. A passagem pela Espanha estava dificultada, mas os dirigentes portugueses conseguiram todas as facilidades. A Federação Portuguesa prepara á caravana suiça uma agradavel recepção.

Lisboa-Oeste da França

Afastado o Lisboa-Paris, surgiu, por intermedio da Federação, a possibilidade dum encontro Lisboa-Liége Oeste da França a realizar no proximo dia 19.

A Associação de Lisboa escreveu, indicando as condições, precisamente as mesmas que havia fixado para o Lisboa-Paris, mas até hoje ainda não chegou resposta.

PELOS CLUBES

A sede do Desportivo da Charneca

A direcção do Club Desportivo da Charneca, que tem trabalhodo incansavelmente pelo desenvolvimento da colectividade, inaugura, no proximo dia 5, uma nova sede, pelas 15 horas.

* * *

Os treinos da secção de atletismo do Club Internacional de Football começaram hoje, com uma concorrencia regular. Atentas as tradições do club, é de esperar uma intensa octividade na secção de atletismo.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Entra hoje na segunda semana de exibições, no Politeama, a deliciosa comedia americana «Com a verdade me enganas...», que alcançou o mais lisonjeiro dos exitos e que o publico tem acompanhado com o maior interesse, esgotando todas as noites as lotações daquela casa de espectaculos.

«Com a verdade me enganas...» é um dos filmes mais graciosos que se têm exibido ultimamente em Lisboa. O enredo é urdido com muita inteligencia e exposto com uma leveza encantadora, que prende e delicia o espectador da primeira á ultima cena. O filme tem pormenores adoraveis que obrigam a sorrir constantemente o publico. Por isso, o publico enche todas as noites o Politeama.

«Alfageme de Santarem»

Por absoluta falta de espaço, só amanhã podemos referir-nos ao magnifico espectaculo que o teatro Nacional nos deu ontem, com o «Alfageme de Santarem»», em recita de homenagem ao prof. Antonio Pinheiro, que recebeu uma justa consagração do publico.

Atrás do reposteiro

Ficou ontem fechado um negocio teatral para a realização dos espectaculos de Carnaval no Sá da Bandeira, do Porto, por uma companhia agrupada em sociedade artistica e que nos quatro dias das festas de Carnaval representará o «vaudeville» «Os Ardinas», e ainda uma revista em um acto, já concluida e pronta a ensaiar.

—A companhia do Trindade volta depois de amanhã e no domingo ao Sá da Bandeira, do Porto, representando, nos dias 6 e 7 no teatro Avenida, em Coimbra, respectivamente, as peças «Outono» e «Homem Fatal».

—Na revista «Eh! Real!, que só na proxima quarta-feira se estreia no Variedades, a «vedeta» Beatriz Costa participará num quadro intitulado «A vida duma sopeira». A actriz Elisa Carreira realizará, entre os seus numeros, um dueto com o novel artista José Amaro, o galã da «Aldeia da Roupa Branca».

—No proximo domingo, o Nacional dá mais uma «matinée» com a fantasia infantil «Pimpinela», cujo exito se mantem inalteravel.

—O paquete «Santarem», que conduz uma parte dos artistas da companhia Mirita Casimiro-Vasco Santana, só chega a Lisboa no dia 7 do corrente.

—Chegaram hoje de Santarem os artistas da companhia do Apolo, em cujo teatro se estreia, no proximo sabado, a fantasia popular «O Quebra-Bilhas».

—Vindo do Rio de Janeiro, é esperado brevemente em Lisboa o secretario teatral Antonio Vasques.

—A companhia dirigida pelo actor Rafael Alves deve realizar, no Gimnasio, o beneficio do camaroteiro deste teatro Pereira Botelho.

—A actriz Carminda Pereira, contratada para o Porto, já não faz o Carnaval no Politeama, como se noticiou.

—Em virtude dos negocios já firmados para a proxima temporada do Rio de Janeiro, parece que não haverá teatros que cheguem para as companhias nacionais subsidiadas pelo Estado.

—O panorama teatral, voltará a movimentar-se depois do Entrudo. Consta-nos que se formará uma nova companhia de comedias e que outra irá fazer uma temporada do genero no Sá da Bandeira, do Porto.

—A empresa Piteira, do Recreio do Povo, em Setubal, está a organizar o seu programa do Carnaval, com filmes e variedades por artistas portugueses.

—A comedia «Cada um em sua casa...», que no dia 10 do corrente se estreia no Trindade, original de José Romas Martin, tem 3 actos e divide-se em cinco quadros.

— No Olimpia Club estreia-se hoje outra grande atracção: Maran Sisters em cantos regionais e danças modernas. Continuam em pleno exito a bailarina espanhola Victoria Brava e as bailarinas e concertistas musicais Sisters County.

«A Ameaça Publica», no Olimpia

Só hoje nos podemos referir ao novo programa do Olimpia: a estreia dum filme de Charles Loumont que focou a vida de dois jornais que se digladiam e a intromissão que na luta pretende ter uma quadrilha de «gangsters», tudo muito norte-americano, mas bem realizado e com um elenco em que figuram Ray Walker, Evalyn Kuspp e Regis Toomey.

E, além deste filme, um de bom humor, «Os três campeões de golf», e a reposição de «Marca de jogo», com fama desde os tempos do mudo.—*Visor 39.*

A ultima do filme «Misterios do Ar», hoje, no Coliseu

Aproveite ver esta noite a despedida, no Coliseu, do gigantesco filme de aventuras em 24 partes: «Misterios do Ar» que tem sido o entusiasmo delirante de todo o publico. E' o melhor, mais empolgante e mais barato de todos os espectaculos.

VARIEDADES

Hoje e até domingo **DEFINITIVAMENTE**

A Preços Populares com a vedeta

Beatriz Costa

O' MEU RICO S. JOAO!

4.ª feira, 8: estreia da nova revista

EH! REAL!

OLIMPIA CLUB

HOJE ESTREIA **MARAN SISTERS** Cantos regionais Danças modernas

VICTORIA BRAVO Bailarina castiça espanhola | **SISTERS COURTY** Bailarinas e concertistas musicais

3 GRANDES ATRACÇÕES QUE CONSTITUEM 3 GRANDES EXITOS

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Julia dos Prazeres Rebelo Brandão de Melo, D. Maria Eugenia de Paiva Leite Brandão, D. Ida da Costa Blanch, D. Maria Henriqueta de Atayde Vaz Guedes Malafaia, D. Beatriz Lobo da Silveira da Fonseca, D. Julia Abecassis Seruya, D. Maria Antonia Otolini da Rocha e Melo, D. Beatriz Jorge Guimarães, D. Virginia Mendes Calado, D. Maria Eugenia Feio de Araujo, D. Alice da Purificação Morais, D. Jacinta Veloso e D. Barbara Tasso Costa.

NASCIMENTOS

A sr.ª D. Maria Ernestina de Araujo Martins, esposa do sr. dr. Julio de Jesus Martins e filha do nosso prezado camarada de redacção sr. Norberto de Araujo, teve na Maternidade dr. Alfredo Costa o seu bom sucesso, assistida pelo ilustre cirurgião professor sr. dr. Costa Sacadura. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

CHÁS-DANSANTES

No Aviz Hotel

Na tarde de sabado proximo, realiza-se no salão de mesa do Aviz Hotel, mais um «chá-dansante» organização do sr. Armando da Camara Rodrigues, sendo portanto de prever que seja ali que a nossa melhor sociedade dê ponto de reunião. As mesas marcam-se pelos telefones 4 8100 a 4 8109.

NA COSTA DO SOL

Jantar á americana

No salão de mesa do Palacio Hotel do Estoril, iniciam-se amanhã, sexta-feira, os «jantares á americana», que serão abrilhantados pelo eximio pianista Jimmy Campbell e por uma orquestra «jazz-band».

EM VIAGEM

Acompanhado de sua esposa, chegou a Lisboa, proveniente do Funchal, o sr. Max Rénier, neto do sr. Léon Rénier, presidente da Agencia Havas e filho do sr. Léon Rénier Junior, director da Agencia Havas. Foram recebidos pelo sr. Raoul Duval, director da Agencia Havas de Lisboa, e esposa, de quem ficaram hospedes.

Max Rénier e sua esposa fazem uma curta estadia turistica em Portugal, seguindo de Lisboa para o norte e dali para Paris.

—Regressou da sua casa do Monte Estoril, á de Lisboa, com sua esposa, a sr.ª D. Cristina Resende da Silva, o importante industrial sr. Alfredo da Silva.

— Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Fernanda Coutinho de Lima de Oliveira, encontra-se em Lisboa, vindo do Porto, o sr. Jaime Pinto dos Santos de Oliveira.

BAILES—Vejam os ultimas modelos de flores para vestidos de noite. O maior sortido e melhores preços «Camelia Branca»—L.º Rafael Bordalo Pinheiro, 30, (ao Chiado).

M.ME EVELYN

Vestidos de baile modelos forma esguia e Imperio, ultima moda Av. Elias Garcia, 67-3.º.

Meias Finissimas

A preços baratissimos só no

Campião das Meias

Rua Serpa Pinto, 16 D. (Ao Chiado)

PROGRAMAS DE HOJE

HOJE, ás 21,30 — Telef. 27172

São Luz — **LOBOS DO NORTE** com **George Raft, Dorothy Lamour, Henri Fonda, John Barrimore** e **Akim Tamiroff**

CENTRAL TEL 24381 — Telef. 24381 — A's 21 e 30 — ESTREIA — **Atraz da linha Maginot A lei do crime** com **Chester Morris** e **Ann Shirley**

ODEON A's 21 e 15 Telef. 2 6283 — 2.ª semana — **Uma francesinha em Nova York**

PALACIO A's 21 e 30 Telef. 4 7163 — direcção de **Henry Koster** (o encenador de «3 raparigas modernas») com **Danielle Darrieux** e **Douglas Fairbanks Jr.**

TERRASSE Tel. 2 9017 — **O fugitivo desceu á cidade** — **O grito de 1938**

TIVOLI A's 21 e 30 TELEF. 5 0595 — 5.ª semana — **Aldeia da Roupa Branca** um filme de Chianca de Garcia com Beatriz Costa. M. Santos Carvalho, José Amaro, Oscar de Lemos, Elvira Velez. Armando Machado, etc.

POLITEAMA A's 21 e 30 Telef. 26305 — 2.ª semana — **Com a verdade me enganas** um filme alegre, moderno, luxuoso, com **Irene Dunne** e **Cary Grant**

REX Telef. 2 9656 A's 21 e 15 — **HOTEL DOS SARILHOS** — **O misterio do Radio X** Preços especiais (de tarde e á noite) excepto domingos e feriados

LYS Tel. 48560 — **O fugitivo desceu á cidade** — **Tempestade num copo de agua**

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — **Piedosa mentira** — **de Nina Petrone**

EDEN A's 21 e 30 Telef. 2 0768 — 2.ª semana e ultima — **Lord Jeff** um filme de **Sam Wood** com **Freddie Bartholomew** e **Mickey Rooney** — **COMPLEMENTOS VIVOS**

CONDES A's 21 e 30 Telef. 2 2523 — ULTIMA — **4 noivas para 1 noivo** com **Armand Bernard, Henri Garat, Mona Goya,** etc.

CAPITOLIO Telef. 2 7493 A's 21 — **Shirley, a garota do Radio — O palpite de Mr. Moto — Pamplinas quimico**

PARIS A's 20 e 30 — **O Libertador da Escocia** — **A carruagem de Sua Alteza**

ROYAL Telef. 45037 A's 21 — **Os vigilantes do mar** — **A vida dum estudante pobre**

TEATRO NACIONAL

HOJE A's 9 e 45 da noite HOJE

O RETUMBANTE EXITO

A peça em 5 actos de **Almeida Garrett**

O Alfageme de Santarem

Brilhante desempenho da Companhia **Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro**

DOMINGO, 5 — A's 4 horas da tarde **Teatro para Crianças.**

A Fantasia Infantil PIMPINELA

Bilhetes á venda

O teatro está sempre aquecido

AVENIDA

Hoje e todas as noites A's 9 e 30 horas

A peça em que o publico mais ri

«OS ANJINHOS»

A farsa das mil gargalhadas pela Comp. **MARIA MATOS**

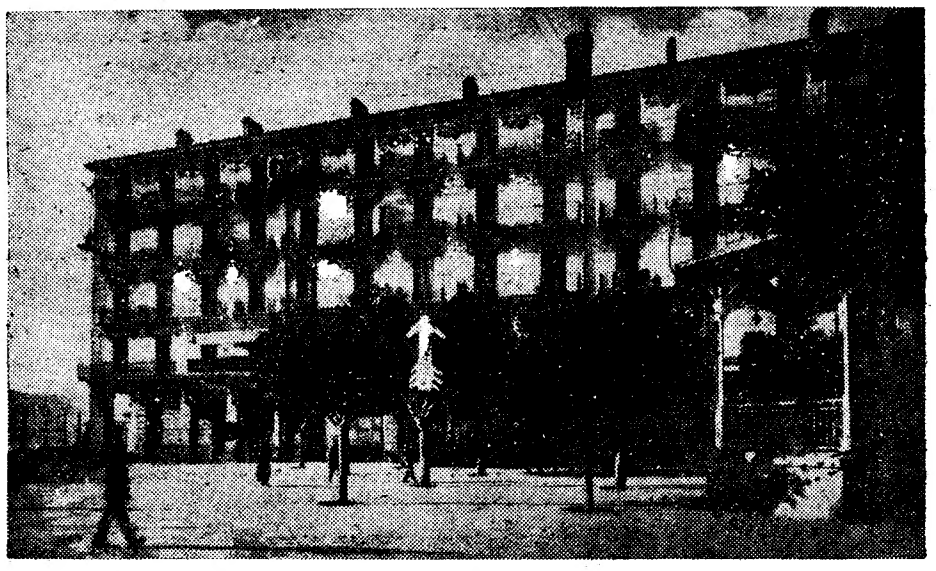
RIR! RIR! RIR!

RECORDAÇÕES, CONFIDENCIAS, HORAS DE ALEGRIA E HORAS DE AMARGU

Visita ao antigo Presidente da Republica M. Tei

no seu exilio voluntario de Bougie

Como vive e como trabalha o escritor ilustre que honra a lingua p



Hotel de l'Etoile. A seta indica o quarto que Teixeira Gomes ocupa deede que foi para Bougie

Bougie fica a 250 quilometros de Argel ou seja a seis horas de distancia em *auto-car* e a oito em caminho de ferro, se o comboio fôr «rapido». E' que os comboios em Africa, mesmo quando são rapidos, andam devagar.

Ha dois caminhos para ir a Bougie: um de planicie e outro de montanha. O primeiro, sendo mais longo, é mais rapido. O segundo é mais Suiça Africana, — como dizem os prospectos de propaganda — mais cartaz de turismo. A' ida, optei pelo primeiro. A' volta, quis experimentar o segundo. Ambos têm o seu encanto.

A principio, a estrada segue á beira do rio Isser, cavada na vertente rochosa, perfurando por vezes o seio da montanha, enquanto o comboio faz uma parte do seu percurso debaixo de tuneis humidos e sombrios. A breve trecho, porém, o terreno muda de aspecto. Transforma-se numa planicie extensa e cultivada, onde cresce a vinha e pontifica a oliveira. Mas acompanham-nos sempre, a pequena distancia, os cumes nevados do Djebel Djudjura, que é o dorso de camelo da Grande Kabilia — a espinha dorsal da Argelia.

A' medida que nos aproximamos da costa mediterranea, a paisagem reveste-se de tons mais vivos e de aromas mais quentes. Os laranjais bordam a estrada e nas proprias ruas das povoações que se atravessam, os frutos doirados pendem das arvores decorativas, como em Blida e em Sevilha.

Chegamos a Bougie

Estamos em face do mar, que aqui forma um golfo de curvas elegantes enquadrado entre dois sistemas de montanhas. Na vertente duma delas, construida em anfiteatro, ergue-se a cidade mais graciosa, mais alegre, mais verde, mais florida, mais bem situada do norte de Africa. E' Bougie. Do outro lado do golfo vêm morrer os ultimos contrafortes da Kabilia, cobertos de neve nesta epoca do ano. O sitio tem este duplo encanto: por um lado o mar, sereno e azul, que imprime ao clima uma tendencia temperada (deve acrescentar-se, no entanto, que Bougie é a cidade mais humida da Argelia); por outro lado, uma cordilheira ininterrupta de montes escalvados e ponteagudos, que se perfilam no horizonte, num colorido suave de branco e violeta.

Na parte mais central da cidade, construido sobre um terraço sobranceiro á baia, ergue-se o *Hotel de l'Etoile*. E' ali que vive ha sete anos e cinco mêses, completamente isolado, sem relações, sem visitas, sem amigos proximos, fazendo uma vida de asceta, o antigo Presidente da Republica sr. Manuel Teixeira Gomes.

A nossa ida a Bougie teve apenas um objectivo: o de o visitar. No *Transatlantique*, onde descemos, ninguem nos soube dar noticias dele. Fômos á *mairie*. Atendeu-nos um funcionario amavel que nos informou prontamente:

— Vive no *Etoile*. Nunca viveu noutro hotel desde que está em Bougie.

Subimos ao *Hotel de l'Etoile* pela rua Trézel, a arteria mais comercial e mais movimentada do burgo. A-pesar da sua importancia, eram raros os transeuntes áquela hora, talvez por ser a hora do almoço. A povoação tem o aspecto feliz duma cidadezinha de provincia caracteristicamente francesa. O elemento arabe é menos abundante do que noutras cidades do norte de Africa.

Quarto n.º 13

Quando chegámos á praça de Gueydon, onde fica o hotel, numa situação admiravel sobre o golfo, o sol fazia brilhar os cumes prateados da Kabilia, numa apoteose maravilhosa de cenografia e de luz. Um criado acompanha-nos até ao quarto que o antigo Presidente ocupa — o n.º 13. Nunca quis outro. Um telegrama avisara-o da nossa chegada. Acolhe-nos um sorriso amigo, estende-se para nós uma mão delicada e afectuosa.

— O sr. Presidente está doente? — preguntamos-lhe ao vê-lo na cama.

— Estou sempre doente, meu amigo.

— Mas, enfim, não é coisa de cuidado?

— O senhor acha que oitenta anos não é coisa de cuidado?

Teixeira Gomes faz toda a sua vida neste quarto de hotel, modesto mas confortavel, rodeado de livros, de revistas, de papeis e de jornais. No fogão arde um lume brando mas acolhedor. A cama fica em frente do espelho, que um numero do *Temps* cobre em parte.

— Sabe para quê? Por causa desta lampada que tenho á cabeceira, para não reflectir a luz.

E' ali que escreve, em geral deitado, sobre uma folha de cartão que coloca na frente. Ao lado, alinha-se uma teoria de envelopes cheios de papelada. São as cartas recebidas, os artigos começados, os recortes de jornais, os esboços de composições, os indices da correspondencia, os *aide-memoires* de que se serve, enfim, todo o material de consulta e de trabalho do escritor e do epistolografo impenitente, que tem espalhado através duma vida cheia de sensações e rica de assunto literario milhares de cartas que constituem, porventura, a sua melhor obra. Só as copias ou as minutas, que ele guarda sempre, daquelas que escreveu nos ultimos anos enchem três pastas volumosas e pesadas. Dois armarios estão completamente cheios de documentos, de recordações, de correspondencia, de papelada velha. Além de duas malas que dormem esquecidas numa casa de arrumação e que contêm livros, mais cartas, mais papeis, mais recordações.

— E imagine, diz-nos ele, que tinha muito mais na minha casa de Portimão. A humidade, porém, começou a corroer tudo. Um dia mandei que lhe fizessem um auto de fé. De 1911 para traz, isto é, antes da minha ida para a Legação de Londres, não tenho passado. E olhe que não me arrependi de ter mandado queimar essa papelada velha. Nunca tive a fraqueza do arrependimento. Reparar faltas, isso sim, tenho reparado muitas. Mas arrepender-me, não. O arrependimento é inutil. Tambem nunca menti. Só por grande necessidade, minha, do Estado ou dalgum amigo.

Os papeis da Gibalta

As colecções de arte e os documentos que se referem á sua acção politica e diplomatica guarda-os na sua casa da Gibalta, na Cruz Quebrada.

Informa-nos:

— Encarreguei o Castelo Branco Chaves, que tem muito jeito para isso, de examinar e coordenar os papeis da Gibalta. Talvez um dia me resolva a publicar alguma coisa sobre isso. E talvez não. Eu posso lá fazer projectos, nesta idade!... Mas gostava de escrever um livro sobre a minha acção diplomatica em Londres, que abrangesse o «diario» da visita do Afonso Costa e do Augusto Soares durante a guerra. Modestia áparte, parece-me que, se não tivemos complicações sérias com as colonias, isso se deve um pouco á acção que então desenvolvi.

E' curioso notar, de passagem, que o n.º 13 tem acompanhado, em diversas circunstancias, a vida de Teixeira Gomes. Foi 13 anos ministro em Londres. Ha 13 anos que deixou o Palacio de Belem. Foi ocupar naquele hotel de Bougie o quarto n.º 13.

— Não sou supersticioso, nunca fui, mas reconheço que o n.º 13 me tem sido favoravel. Na minha vida ha muitas coincidencias curiosas com este numero. Deixe ver se me recordo... Ah! esta memoria...

E, no entanto, a-pesar de se queixar da falta de memoria, com que lucidez se recorda de factos passados ha muitos anos, com que clareza de inteligencia os analisa, com que deliciosa ironia os comenta e com que elegancia de forma se exprime sempre.

Quando lhe fizemos essa observação, respondeu-nos:

— Tenho oitenta anos ou perto disso e olhe que ainda faço gimnastica respiratoria todos os dias. Quere ver?

E exemplificou, executando diante de nós movimentos que muitos rapazes de vinte anos não fariam com tanta agilidade.

«Estou quasi cego»

— Mas não se iluda, acrescenta logo. Estou velho, cansado, doente e quasi cego. Do olho direito não vejo praticamente nada e do esquerdo vejo cada vez menos. Ha dias em que tenho uma quantidade de «moscas» diante dos olhos.

Uns oculos pretos velam-lhe a vista. E quando os tira, as palpebras agitam-se, na ansia de sorver a luz que lhe vai fugindo a pouco e pouco.

— Não posso ler mais duma hora por dia e escrever outro tanto. Dizem-me que em Argel ha uma casa para cegos muito boa. Já mandei tirar informações.

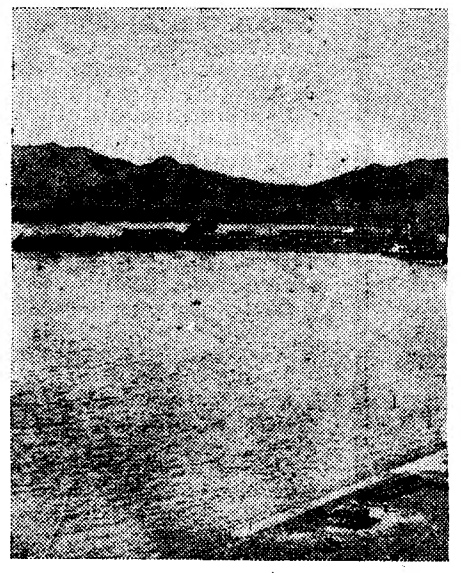
— O sr. Presidente devia consultar um especialista... E' possivel que a sua doença tenha cura...

— Não me iludo. Acabarei por ficar completamente cego. E' fatal. Diga-me para que serve um velho nestas condições? Não queira chegar á minha idade. Tenho horas de desalento, em que chego a desejar a morte — e ás vezes penso que terei de a apressar. Devo dizer-lhe que a morte nunca me assustou. Olhei-a sempre de frente, serenamente, e no dia em que ela vier, considera-la-ei uma libertação. E — quem sabe? — talvez nesse dia este pobre farrapo inutil teime em se agarrar á vida, onde já não tem nada que fazer.

E com orgulho:

— Ah! mas não quero que tenham piedade de mim.

— Não é propriamente piedade, mas



A' direita, ao alto, vê-se o Hotel de antigo Presidente da Repu

veneração o sentimento que a sua velhice inspira. A todos os que o admiram e até áqueles que supõem embirrar comsigo.

Mudando de tom:

— Sei que ha muitas pessoas que me estimam. E é curioso notar que a maioria dos meus leitores recruta-se entre a gente nova. Não calcula a quantidade de cartas que recebo com palavras que me consolam. Outros, então, desconhecendo completamente o estado em que me encontro, pedem-me as coisas mais dificeis de satisfazer. Ha dias recebi eu um poema manuscrito, com o pedido de o ler e de dar uma opinião sobre ele. Outro queria que eu lhe fornecesse elementos sobre a influencia dos portuguêses no norte de Africa, — «tanto mais que tinha facilidade de consultar os arquivos marroquinos». E outros pedidos que tais. Claro que os meus correspondentes não se lembram que tenho oitenta anos e que só saio do hotel uma vez por dia, quando posso sair, para ir á posta restante buscar a correspondencia.

Voltar a Portugal?...

— O sr. Presidente deve sentir-se isolado... Não prevê a hipotese de voltar um dia a Portugal?

— Para quê, meu amigo? Na Gibalta precisava dum grande rendimento, que não tenho, (outra ilusão de muita gente) para poder fazer uma vida decente. E' certo que podia ir para a minha casa de Portimão ou viver com uma das minhas filhas. Mas não quero estragar-lhes a vida e oferecer-lhes o espectaculo miseravel desta velhice inutil. Note que nunca disse a ninguem que não voltava a Portugal. Não tinha o direito de o dizer, sobretudo por se tratar do meu país, onde me cumularam de honras que não posso esquecer. Mas parece-me dificil voltar.

— E o país não esquece, dissemos nós, os serviços relevantes que o sr. Presidente lhe prestou. E até aqueles que continuou a prestar-lhe depois do seu exilio voluntario, como sejam as ofertas a museus e outros estabelecimentos publicos de obras de arte de inestimavel valor.

Com amargura:

— Está enganado. Algumas entidades nem se deram ao trabalho de me agradecer essas ofertas e outras não lhes ligaram a importancia que mereciam. Acabou-se. Não ofereço mais nada. Nem um quadro. Nem um movel. Prefiro dar tudo aos meus amigos, que apreciam muito mais a lembrança do que as tais entidades.

E exemplificou:

— Imagine que daqui, de Bougie, dei-me á paciencia de fazer uma «sala de repouso» no Museu das Galveias, com coisas que tinha na Gibalta. E ofereci tudo: moveis raros, comodas, contadores, uma preguiceira, objectos curiosos, alguns de valor. Pois sei que não mostram nada. Têm aquilo tudo metido lá para um canto e

RA

xeira Gomes

ortuguesa

Etoile e em frente o panorama que o ica contempla do seu quarto

ninguem beneficia dos objectos expostos. Ora, eu não queria elogios. Já tenho bastantes na minha vida, mas desejava que o publico aproveitasse alguma coisa daquilo que ofereço. Mas não se importam, não fazem caso, não agradecem. Abro uma excepção. Ofereci 150 medalhas á Casa da Moeda e recebi uma carta do Presidente do Conselho a agradecer-me a oferta. Sei que lhe atribuiram alguma importancia. E é isso que me consola.

«Ofereci tambem o meu retrato pintado pelo Marques de Oliveira (tinha eu 22 anos) e o da Viscondessa de Menezes ao Museu Municipal do Porto — com a condição de ficarmos um a olhar para o outro. Ela está linda. O pintor é pouco conhecido, mas foi feliz. Ela está linda! Enfim, lá cumpriram o meu desejo: pelo menos ali, ficaremos a olhar um para o outro.

Ele tinha 22 anos — e ela estava linda!

— Ah! não calcula o que é chegar a esta idade. Olhamos para traz e vemos um perfeito cemiterio. Do meu tempo, já poucos existem hoje. Eu é que teimo em viver...

Uma taça de champagne

Era meio dia. Um criado bateu á porta do quarto. Trazia uma bandeja com uma pequena refeição.

— E' o seu almoço?

— Não, é o meu jantar. Faço uma vida muito especial e muito simples. E tenho uma alimentação muito sobria. Se não fôsse isso, já não vivia. Levanto-me ás 4 horas da manhã. Preparo eu mesmo, no quarto, o meu almoço. São as melhores horas do dia, aquelas em que ainda posso fazer alguma coisa: ler, escrever. Ao meio dia janto. A's duas e meia saio para ir ao correio. A's 4 tomo um chá de tilia — e em seguida recolho-me. Creio que é, em parte, devido a este regime alimentar que me vou aguentando.

E acrescenta:

— Além disso, tenho as cartas, os artigos, os livros... E' isto que me prende á vida.

O almoço ou antes, o jantar, arrefecia em cima da mesa. Levantei-me para sair.

— Não, não se vai embora sem beber uma taça de champagne comigo. Mandei abrir esta garrafa de proposito.

E as nossas taças tocaram-se num brinde espontaneo e singelo, através do qual, apesar de todo o cepticismo elegante deste europeu civilizado e orgulhoso, que esconde uma grande alma de português debaixo dum certo desdem literario, a ideia da patria distante passou, num minuto comovido de recolhimento — e de saudade.

NORBERTO LOPES

LER AMANHÃ:

CONFIDENCIAS POLITICAS E DIPLOMATICAS

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Os nacionalistas conquistaram hoje Berga

um dos mais importantes centros de tecelagem da Catalunha

(Continuação da 1.ª pagina)

mandoz, bispo de Barcelona, de quem não havia noticias desde o principio da rebelião, reapareceu. Declarou que vivia escondido num subterraneo, donde não saia senão vestido de operario e que a sua vida esteve muitas vezes em perigo.—(Havas)

Foi preso o juiz que instruiu o processo do general Goded

BARCELONA, 2 — As autoridades prenderam o juiz de instrução Luis Pomares, que instruiu o processo do general Goded em 1936. E' acusado de ter feito fuzilar numerosos oficiais e de ter mandado proceder a execuções ilegais por intermedio dos anarquistas. Foi tambem preso o deputado do partido catalão Eduardo Barriobero, acusado de ter defendido numerosos anarquistas acusados de assassinios politicos.—(Havas)

BARCELONA, 2—(Dum enviado especial da Havas):—A prisão do deputado federal Barriobero deu-se nas seguintes condições: «Barriobero não havia podido arranjar um automovel para fugir quando o governo evacuou a cidade dois dias antes da entrada dos nacionalistas. Escondeu-se, então, em casa dum amigo. Como visse que nenhuma busca se efectuára na casa onde se encontrava, saiu de manhã para ir buscar ao seu proprio domicilio uns objectos de «toilette». Quando subia a rua Balmes encontrou-se com um tenente da guarda civil que esteve outrora de serviço ás Côrtes. Este reconheceu-o, sem todavia poder identifica-lo exactamente. Pediu-lhe os seus papeis e perante as explicações embaraçosas do seu interlocutor levou-o ao posto de policia mais proximo. Ao cabo de alguns minutos de apertado interrogatorio, o antigo deputado federal declinava a sua verdadeira identidade. Barriobero foi, imediatamente, posto á disposição da justiça militar.

Afonso XIII e o infante D. João felicitaram o generalissimo Franco

BURGOS, 2—O ex-rei Afonso XIII enviou a Franco um telegrama felicitando-o pela vitoria dos nacionalistas e reiterando-lhe «a adesão e confiança no despertar da Patria».

O infante Don João dirigiu tambem a Franco um telegrama concebido com o mesmo espirito e terminando: «Saudo-o com afeição e emoção perante o heroismo invencivel do exercito, generais e seu comando supremo». Franco respondeu a ambos, agradecendo. —(Havas)

Um discurso de Negrin

FIGUERAS, 2—As Côrtes reuniram-se no castelo. Por votação unanime aprovou a politica de resistencia do governo, 72 deputados representavam os partidos anti-fascistas, 106 desculparam-se de não assistir á sessão, declarando que estavam de acôrdo com as decisões tomadas.

O dr. Negrin discursou durante 35 minutos. Enumerou as razões da resistencia a todo o transe que o governo preconisa. Afirmou que a luta continuará, mesmo que se perca a Catalunha, mas declarou que a luta era possivel nesta região.

O dr. Negrin disse que a guerra não era civil, mas sim guerra pela independencia e que a vitoria do inimigo só deixaria da Espanha uma recordação. Insistiu no valor universal da luta e evocou o mal que causou a politica de não-intervenção á Espanha republicana. Frisou que o governo defende os interesses do mundo inteiro. Reiterou os principios definidos em precedentes discursos e resumiu em três principios o programa dos «treze pontos»: primo—garantia da independencia e integridade territorial de Espanha; secundo—garantia da liberdade do povo escolher o seu destino; tertio—garantia de que o fim da guerra terminará com as perseguições engendradas pela guerra.

Analisou finalmente as razões dos fracassos sofridos pelos republicanos e mostrou a gravidade da situação afirmando, todavia, que o govreno estava senhor dela exercendo a autoridade sem violencia.

No fim da sessão Martinez Barrio leu a moção apresentada por um grupo de deputados. A moção afirma que as Côrtes estão unidas para defender a independencia da Espanha e termina dirigindo ao exercito a expressão da admiração e confiança dos deputados espanhois.—(Havas)

O envio dum representante da França para junto de Franco

PARIS, 2—Sabe-se que ontem a presidencia do grupo franco-espanhol da Camara dos Deputados fez uma diligencia junto de Daladier para lhe pedir o envio dum representante francês para junto do general Franco. Segundo o que se dizia nos corredores da Camara—informa o «Petit Parisien»—Daladier teria respondido á delegação que a questão por ela levantada se apresentava como um assunto governamental e que o governo não hesitaria, chegada a ocasião propria, em tomar as suas responsabilidades.

Léon Bérard

No jornal «L'Epoque», Jean Hutin faz-se eco do boato de que a nomeação dum representante da França junto de Franco não se verificaria imediatamente, mas que tambem não deve tardar. Aquele articulista acrescenta que, no entanto, enquanto se não nomeia um embaixador, deve ser designada uma personalidade com uma missão temporaria junto do governo nacionalista espanhol. Esse personalidade—diz—seria o general Catroux, comandante do 12.º corpo de exercito de Argel e que em tempos comandou as operações militares de Marrocos que terminaram pela derrota dos rebeldes em Tafilalet. «O general Catroux—precisa Hutin—mantinha nessa época excelentes relações com Franco que, por essa ocasião, era governador do Marrocos espanhol.

Finalmente, o «Figaro» julga saber «o futuro representante da França junto de Franco será uma personalidade de grande prestigio», mas não —diz—uma personalidade eclesiastica segundo um rumor que correu ontem á noite.

Trata-se, evidentemente, de boatos que, na ausencia de informações dos circulos autorizados, pertencem ao dominio das hipoteses emitidas pelos jornalistas e que convem acolher com reserva.—(Havas)

Será Léon Bérard o escolhido?

PARIS, 2. — De fonte absolutamente fidedigna e autorizada, sabe-se que o governo francês vai nomear, em breve, um agente diplomatico junto do governo do generalissimo Franco.

Nos circulos afectos ao Quai d'Orsay, afirma-se que a escolha do referido agente recairá sobre o senador Léon Bérard, chefe do grupo do Senado da União Republicana. — (U. P.).

A OBRA DOS PARQUES INFANTIS

Um grupo de lindas crianças dos «Parques Infantis» que ontem visitou o «Diario de Lisboa», conforme noticiámos, acompanhado pela sr.ª D. Fernanda de Castro

MAXIM'S

Hoje — GRANDE BAILE DE MASCARAS

2 ORQUESTRAS — 2 SALÕES DE BAILE — As senhoras têm entrada livre

O atentado contra o Chefe do Governo

O Supremo Tribunal Militar, reunido esta tarde sob a presidencia do sr. general Vieira da Rocha, confirmou o recurso interposto pelos implicados contra o presidente do Ministerio, e noutros atentados terroristas, que na 1.ª instancia foram condenados em penas maiores.

Na proxima semana aqueles condenados entram em regime de isolamento e silencio na Penitenciaria.

Em Exposição até ao dia 4, às 0 horas

os novos modelos

DODGE 1939

nos "Stands" dos seus Distribuidores

SPIDA

Soc. Peninsular Industrial de Automoveis, L.da

67, Rua Alexandre Herculano, e 27, Rua Rodrigo da Fonseca

Telef. P. B. X. 4 4179-4 4180

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

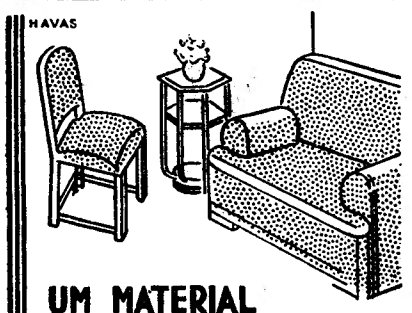
PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA



UM MATERIAL INCOMPARÁVEL

Os móveis forrados com «Fabrikoid» Du Pont têm uma duração muito maior que a normal, porquanto êste material não absorve o pó nem a sujidade e impede a criação de insectos e parasitas. As suas côres variadas e encantadoras prestam-se às mais artísticas e modernas decorações.

DU PONT FABRIKOID

REG. U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138—LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO

DAL

(Companhias Alemãs de Navegação para a Africa)

No dia 10 de Fevereiro toca em Lisboa o

M/S "TOGO"

recebendo carga directa para:

LAS PALMAS, FREETOWN, SHERBRO, MONROVIA, TAKORADI, ACCRA, LAGOS/APAPA, VICTORIA, DUALA, POINTE NOIRE, MATADI

AGENTES:

Sociedade Insulana de Transportes Maritimos, Ld.ª

P. Duque da Terceira, 20 — Telefones 2 9725 — 2 9726

FEIRA DE LEIPZIG. PRIMAVERA 1939.

Começo: 5 de Março

Todas as informações dá

o LEIPZIGER MESSAMT

LEIPZIG, Allemanha,

ou o

60 %, de Redução nos Caminhos de ferro Allemães.

Representante Honorario: A. Schmidt, Lisboa, Praça dos Restauradores, n.º 13

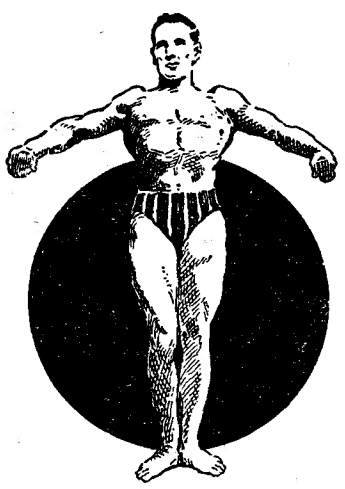
PNEUS JOHN BULL

a primeira marca inglesa de pneus

30% mais de Duração Segurança Confôrto

SOC. DE LUBRIFICANTES E COMÉRCIO, L.DA

Rua Braamcamp, 96-1.º—Telef. 46719



Favacau

Farinha alimenticia.

Seguro elemento para criar e restaurar as forças.

Um exclusivo d'A Mariazinha.

Peça um folheto com indicações.

Cada quilo, 6$00.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28

(á Igreja de S. Domingos)

As amendoeiras em flôr

FARO, 31 — Encontram-se cheias de flôr as amendoeiras algarvias e urge que os turistas se não façam esperar para que, mais tarde, não sofram uma desilusão.

Ultimamente têm chegado a esta provincia centenas de pessoas que ficam maravilhadas com a beleza das amendoeiras em flôr. Todavia, ao contrario dos mais anos, existem agora acomodações para o elevado numero de turistas que nesta quadra do ano nos visitam.

Francisco Gomes Leite

FALECEU

Maria Gomes dos Santos, Maria Celeste Gomes dos dos Santos de Jesus e marido, Albertina Gomes dos Santos, Manuel Gomes Leite e esposa e Francisco da Silva Gomes Leite, participam o falecimento do seu muito querido e chorado marido, pai, sogro e avô, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da rua Miguel Bombarda, vivenda Manuel dos Reis, Parêde, para o cemiterio dos Prazeres.

Um ciclone sobre o Algarve

SILVES, 2—Ontem, pelas 15 horas, passou sobre esta região um violento ciclone, que devastou os campos, arrancando milhares de arvores cujos ramos voaram a grande altura. Além disso, partiu vidros em centenas de casas e destruiu muros e vedações de propriedades.

O ciclone passou na direcção sul-norte. O vento soprava com uma velocidade fantastica, como não há memoria. O fenomeno foi presenciado por milhares de pessoas que assistiam, horrorizadas, ás suas consequencias desastrosas. A sua duração foi pequena, mas por onde passou provocou uma verdadeira razia. Os prejuizos são importantes.

Mme CAMPOS

PRODUTOS DE BELEZA

O encanto natural da mulher que quere conservar a sua beleza deve ser completado com uma escolha criteriosa de produtos de beleza.

Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA embelezam, provocam e conservam o encanto. Para peles normais deve substituir-se o sabonete pela PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA, que refresca, torna a pele fina, transparente e aveludada. Preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Conserve a frescura do seu rosto com AGUA RAINHA DA HUNGRIA, que purifica a epiderme e limpa os poros. Use o PO' DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA e aplique na sua «toilette» os CREMES de dia e de noite que evitam rugas, tonificam e aveludam a epiderme.

Para cada caso especial da sua pele consulte a

Academia Scientifica de Belleza

Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Telef. 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Maria José Coutinho Rebelo Cancella

FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Igreja

Laura Cancella Infante de La Cerda e Camilo Infante de La Cerda, Maria Cancella Emygdio da Silva e Fernando Emygdio da Silva, Lucia Infante de Sttau Monteiro e Armindo de Sttau Monteiro, Alice Infante de La Cerda, Maria Christina Cancella Emygdio da Silva, Manoel Cancella Emygdio da Silva, participam que foi Deus servido chamar á sua divina presença a sua muito querida mãi, sogra e avó. A's 7 e 30 horas de amanhã será resada missa de corpo presente, realizando-se o seu funeral ás 9 horas da Rua Braamcamp 56, em automovel, para o cemiterio da Vila de Anadia.

Agencia Barata

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARNOLDS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

SITUAÇÃO EM INGLATERRA

Revalorização do «stock» ouro do Banco de Inglaterra

LONDRES, 2—O ministro das Finanças resentou na Camara dos Comuns um pro-cto de lei prevendo a revalorização do tock» ouro do Banco de Inglaterra. Se-ndo esse projecto, o fundo de reservas do nco será avaliado todas as semanas ao eço corrente. Até agora o ouro do Banco avaliado á taxa fixa de 85 xelins por ça. O projecto permitirá reduzir a 300 lhões de libras esterlinas a circulação fi-ciaria, provisoriamente elevada a 400 mi-es.

Quando a avaliação mostrar excedente do lor do «stock», em relação á moeda em cúlação, esse excedente será entregue ao ido de regularização de cambios.

O projecto é uma medida prevista ha uito tempo, mas significa uma verdadeira volução pois põe fim a uma regra esta-lecida ha mais de dois seculos a qual fixa torosamente o preço do ouro do Banco Inglaterra. O preço imposto não era aque-a que o Banco devia comprar e vender, s sim aquele sobre o qual devia ndar os calculos quando se tratava de es-belecer a relação entre a moeda em cir-lação e a sua cobertura metalica. De fu-ro o Banco avaliará o seu «stock» ao pre- corrente do mercado. Este preço era por emplo, ontem, de 148 xelins e 7 e meio nce. Devido a esta medida o valor do tock» passa de 126 milhões de libras es-rlinas para cêrca de 220 milhões.—(H.)

A conferencia da Mesa Redonda

JERUSALEM, 2—A composição da legação do partido da defesa á con-rencia da Mesa Redonda está defi-tivamente assente. Dela fazem par-, como presidente, Ragheb Bey Nas-aribi e como membros Fakri Nasha-bi, Issaelissa e Mohamed Yunes russeini.—(Havas)

Reformas no exercito

LONDRES, 2—O tenente-general urk foi nomeado chefe do estado aior para a India.

O «Daily Telegraph» diz que se guarda uma reorganização completa exercito britanico. Depois do seu gresso a Inglaterra, Lord Chatfield, vo ministro da Defesa Nacional, rá ao governo propostas importan-s. Chatfield quere submeter o exer-to indio, que se encontra ainda sob autoridade do governo local, ao con-ôle da missão militar britanica.—. N. B.)

Novo governador de Chipre

LONDRES, 2—O ministro das colo-as anuncia que Sir Herbert Palmer, vernador de Chipre, pediu a demis-o. O seu sucessor será Battershill, tualmente secretario geral, em Je-salem.—(D. N. B.)

A produção de aviões ingleses

LONDRES, 2.—O «Times» ocupa-se produção mensal de aviões da Grã-retanha, mas não publica cifras. Lem-a, todavia, que ha um ano o ministe-o da Aeronautica disse que a produ-o era dupla relativamente ao ano an-rior, que em novembro Chamberlain clarou que em maio de 1939 a produ-o seria 2 a 3 vezes maior do que em aio de 1938 e que em maio de 1940 se-a 4 vezes maior. Ha dias, porém, o Daily Telegraph» dava como certa a fra de 400 aviões por mês e o «Daily erald» dizia que dentro de 3 meses as bricas podiam fornecer 3.000 apare-os por mês.—(Havas).

A visita ao Mexico

do coronel Baptista

MEXICO, 2.—A Policia de Vera Cruz endeu 10 comunistas mexicanos e 1 bano, este ultimo pertencente ás ju-entudes comunistas de Cuba. As au-ridades supõem que preparavam um entado contra Baptista, que chega nanhã.

Por outro lado, anuncia-se que aque-politico cubano parece ser portador m projecto, já aprovado por Washin-on, duma especie de aliança militar tre o Mexico, os Estados Unidos e uba para a defesa do Continente e as Antilhas.—(Havas).

NOTICIAS DO BRASIL

Homenagem ao dr. Fidelino de Figueiredo

S. PAULO, 2.—A colonia portuguesa desta cidade homenageou o professor dr. Fidelino de Figueiredo que está regendo um curso de literatura portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras da Universidade de S. Paulo, com um banquete realizado no Club Português, sendo orador oficial o ex-capitão Sarmento Pimentel.—(United Press).

Faleceu o dr. Raul Leite

RIO DE JANEIRO, 2.—Faleceu repentinamente na cidade de S. Salvador, onde se encontrava em viagem de negocios, o importante industrial carioca e medico dr. Raul Leite, director dos Laboratorios que têm o seu nome.—(United Press).

Reunião de jornalistas

RIO DE JANEIRO, 2.—O sr. Lourival Fontes, director do Departamento Nacional de Propaganda, ofereceu um banquete aos correspondentes de jornais e agencias estrangeiras no Brasil para lhes manifestar o seu reconhecimento pela fiel interpretação da situação brasileira nos seus jornais.

O jornalista português San Payo propôs a criação da Associação dos Correspondentes de Jornais Estrangeiros, ideia que foi aprovada.—(U. P).

Ministro interino da Fazenda

RIO DE JANEIRO, 2.—Foi nomeado o dr. Romero Estelita Cavalcanti Pessoa, ministro interino da Fazenda durante a ausencia do sr. Artur Sousa Costa.—(United Press).

Bénès partiu para a America

LONDRES, 2.—Bénès, antigo presidente da Republica checo-eslovaca, partiu hoje desta cidade para os Estados Unidos, onde vai fazer uma serie de conferencias.—(Havas).

V. Ex.ª NÃO SABE? DÓMÚZ É O REI DO ANIZ

Na Italia fascista

A palavra de ordem do Duce

ROMA, 2.—O ministro e secretario do Part.do recebeu os secretarios federais e inspectores do Partido aos quais transmitiu as instruções e a palavra de ordem do Duce: «Passaremos».

Os italianos em Africa

ADDIS ABEBA, 2.—Comemorando o XVI aniversario da Fundação das Milicias realizou-se uma grande manifestação á qual assistiram o vice-rei, o subsecretario para a Africa Oriental e as autoridades.

A' tarde o vice-rei, acompanhado das autoridades, assistiu a uma parada militar, tendo o vice-secretario para a Africa Oriental distribuido as recompensas do valor militar.

O general Teruzzi partiu de avião para Gondar, onde chegou ás primeiras horas da noite, tendo sido recebido pelas autoridades locais.—(U. P.).

MAIOR VALOR
MENOS DINHEIRO

Quem poderá dar a V. Ex.ª maior valor por menos dinheiro: — a fábrica que produz por ano um milhar de máquinas de escrever, de sacos de adubo, ou de qualquer outro artigo ou produto, ou a fábrica que produz um milhão?

Evidentemente, a resposta só pode ser uma: — quanto maior fôr a produção, tanto maior será o valor oferecido em troca duma determinada quantia.

A produção das fábricas de rádio receptores R. C. A. é a maior do mundo. Os seus laboratórios, a sua aparelhagem e equipamento são o que existe de mais perfeito e complelo. Os seus produtos são portanto, sob todos os aspectos, os melhores. Melhor material, maior perfeição, menor preço. Examine um rádio receptor R. C. A. e verá a verdade desta asserção. Os aparelhos R. C. A. são vendidos em Portugal pela Thomson General Electric Portuguesa.

TRAFICO DE ESTUPEFACIENTES

em Nova York

NOVA YORK, 2.—40 agentes do Departamento do Tesouro efectuaram uma rusga no bairro de San Juan Hill e prenderam 12 individuos que parece serem os chefes dum importante bando de traficantes de estupefacientes. O major Garland Williams, que dirigiu as operações, declarou que estão a ser tambem interrogadas varias centenas doutros individuos devido ás suas actividades ilegais. Acrescentou que aqueles individuos se reuniam numa «ilha» insalubre onde os traficantes haviam instalado um verdadeiro sistema de catacumbas. O bairro, que compreende umas vinte casas, foi cercado pelos agentes do Departamento do Tesouro em consequencia dum inquerito que durou dois anos. O bando vendia os produtos de contrabando a preços baixissimos. Da sua clientela faziam parte ladrões, prostitutas, etc., ou seja a escoria social da cidade.—(Havas).

Morreu com 75 anos

o carrasco de Paris

PARIS, 2.—Anatole Deibler, carrasco de Paris, morreu subitamente ás 7 horas, quando tomava o metropolitano na porta de St. Cloud. Tinha 75 anos.—(Havas).

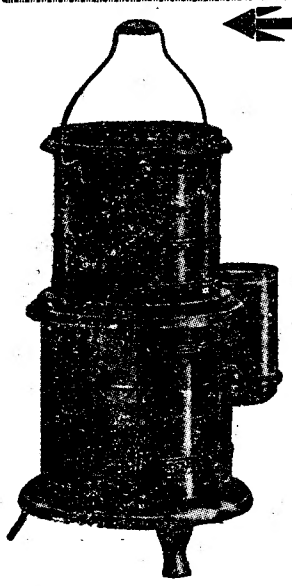
CIGARROS 100% VIRGINIA. *Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta.*
CARRERAS LTD. LONDRES.

PELES

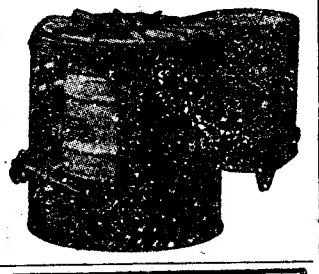
Liquidamos toda a existencia por motivo de obras urgentes, com descontos até **30** 0|0, de **casacos, raposas, capas, bichos,** etc.

Casa Anão
Rua Fanqueiros, 376, 2.º

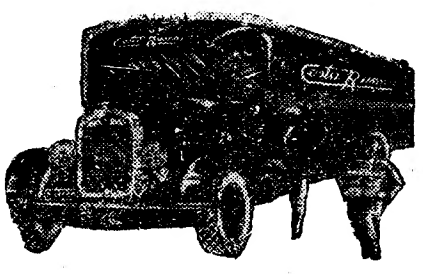
Dr. Alvaro Campos
Clinica medica — Fisioterapia
Consultas para classes pobres das 10 às 12
Consultas diarias das 14 às 18 - Telef. 4 7441



10$00!!!...
O Fogão-Calorifero «ORIENTAL»
DUPLA FUNÇÃO
Podendo trabalhar como caloritero e tambem como fogão para cozinhar
O UNICO SEM TORCIDA, SEM CHEIRO, SEM FUMO
Consumo, 1 litro em 7 horas
Vende a prestações c/ Premio a
NOVA LUSA
110, R. S. Nicolau, 112
Esq. R. do Crucifixo
Telef. 2 6483
LISBOA
(Distribuidores exclusivos)

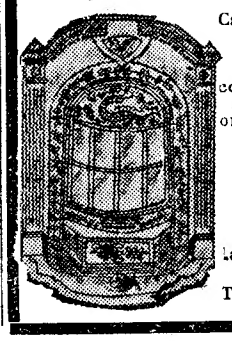


PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601



TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilias.
PORTO — *R. Guerra Junqueiro, 7* — Telef. 15061-15062
LISBOA — *R. S. Julião, 34, 36* — Telef. 27200

Salamandras e fogões de sala para aquecimento de:
Casas de habitação, escritorios, casas de campo, hospitais, etc. Podendo queimar combustiveis baratos. Lindos modelos Boa ornamentação.



FABRICAS VULCANO e COLARES
Carlos Alfredo da Silva, Ld.ª
Largo Conde Barão, 13 a 17 — LISBOA
Telefones 6 0131 — 6 0132

ULTIMAS NOTICIAS

Carpetes — Tapetes — Passadeiras — Alcatifas, etc.
Lopes dos Santos, L.da
Rua Augusta, n.os 82 e 84
Telef. 2 3637

O MOMENTO INTERNACIONAL

O conde Ciano deve visitar a capital do Reich

ainda na primeira quinzena do corrente mês

BERLIM, 2.—Segundo informações de boa origem e não desmentidas nos circulos autorizados alemães, a visita do conde Ciano a Berlim, no quadro da política do eixo Berlim-Roma, é esperada na primeira quinzena do corrente, possivelmente, em relação com a visita que o ministro dos Estrangeiros italiano deve fazer a Varsovia.—(Havas).

Boato desmentido

WASHINGTON,2.—A legação dominicana desmente que Trujillo, presidente da Republica, vá a Berlim para conversar com Hitler a proposito da venda de terrenos de San Domindos ao Reich. A legação diz que o governo dominicano se mantém fiel á solidariedade pan-americana.—(Havas).

Conferencia dos Estados balticos

KAUNAS, 2. — A IX conferencia dos Estados balticos abriu ontem.—(Havas).

A discussão travada a proposito do ultimo discurso de Roosevelt

NOVA YORK, 2. — A discussão agitada que se estabeleceu sôbre o discurso de Roosevelt continua. Ontem á noite Louis Johnson, secretario do ministerio da Guerra, pronunciou um discurso declarando que os Estados Unidos são forçados a armar-se contra aqueles que estão decididos a dominar o mundo pela fôrça militar.

«Ha pessoas—disse—para quem uma invasão inimiga da America não é senão um sonho acabrunhador. Mas estas pessoas devem confessar que as fantasias selvagens de ontem tornaram-se realidades hoje».

O coronel Frank Knox, actual editor do «Chicago Daily News», declarou que perante a situação europeia o publico americano reconheceu enfim que os Estados Unidos devem tomar o lugar da Grã-Bretanha, quanto á soberania nos mares.—(D. N. B.).

Aprovação geral da Imprensa de Nova York

NOVA YORK, 2.—As declarações de Roosevelt perante a comissão militar do Senado foram largamente aprovadas pela Imprensa americana. Os orgãos de Nova York e os principais jornais da provincia saudam com entusiasmo a promessa feita pelo presidente de ajudar as democracias por meio do envio de armas e munições, «a-fim de lhes permitir responder ao imperialismo dos Estados totalitarios».

O «New York Herald Tribune» escreve: «A nação entra na crise muito mais bem preparada do que nos anos criticos de 1914 a 1917. Aprovamos a manifestação de simpatia de Roosevelt pelas democracias e partilhamos da opinião do presidente de que a ameaça continua que as ditaduras fazem pesar sobre o mundo atingiu o grau que exige uma unidade de acção da parte das democracias».

Por sua vez, o «New York Times», depois de recordar os processos empregados pela diplomacia nacional-socialista para conquistar a Austria e a Checo-Eslovaquia, recomenda cautela para a confiança a conceder ás recentes declarações de Hitler e acrescenta: «Talvez Roosevelt não tivesse dito que a nossa fronteira está em França, mas os que o ouviram não duvidam da sua fé em que a França é um baluarte pelo qual devemos velar e para cuja guarda devemos contribuir como se nosso fosse».—(Havas).

Grande retumbancia em Londres

LONDRES, 2.—Os jornais publicam com enorme retumbancia as declarações de Roosevelt. O «Times», em correspondencia de Washington, declara que deve ser aquela a atitude do presidente e que se levanta sómente a questão de se saber se ela tem ou não o assentimento do Congresso e do povo americanos.

O «Daily Telegraph» manifesta a opinião de que a frase: «a nossa fronteira está na França, deve ser, talvez, muito exagerada em comparação com o que Roosevelt deve ter verdadeiramente dito. Mas, «o nosso correspondente em Washington» diz que se interpretam as palavras de Roosevelt como uma determinação de defender a sua politica de recusa de apoio material ou moral aos agressores. «Se assim é—conclui—os acontecimentos afectaram, profundamente, a orientação da Republica americana e a do presidente».

Por seu turno, o «News Chronicle» diz que os nazis foram mais uma vez avisados de que qualquer agressão no «mundo ocidental encontrarão a forte desaprovação americana e talvez mais».

O «Manchester Guardian» diz que a declaração de Roosevelt é mais importante que o discurso de Hitler e o discurso de Mussolini no proximo sabado. —(Havas).

A Imprensa de Paris rejubila com a atitude de Roosevelt

PARIS, 2—Os jornais consagram largo espaço ás declarações de Roosevelt feitas na comissão senatorial militar.

O «Jour-Echo de Paris», pela pena do seu director Leon Bailby, frisa a coragem e o desinteresse pessoais de que são prova a declaração, e acrescenta:

«O facto de Roosevelt proclamar antecipadamente a necessidade do concurso do seu país a favor das democracias numa luta futura não vai deter, no desfiladeiro da guerra, as autocracias desprovidas de dinheiro?».

O «Petit Parisien», referindo-se á declaração de Baldwin «a fronteira da Inglaterra está no Reno»—declaração que pareceu extraordinaria no principio e que depois passou a ser um facto —declara: «a America está ainda longe de ter tirado esta conclusão, mas poderá encaminhar-se para isso, mais rapidamente do que se pensa em Roma e em Berlim, se a situação se agravar. Sem duvida, Roosevelt não pensa, de momento, em fazer participar o seu país num eventual conflito europeu, mas é favoravel ao auxilio que poria os imensos recursos americanos á disposição das democracias europeias, no caso em que estas fôssem atacadas».

«L'Epoque» escreve: «O gesto de Roosevelt é altamente significativo, tanto mais que vem depois da promessa americana de nos entregar algumas centenas de aviões. Tambem não ha que extranhar que a Imprensa alemã fulmine, mas porque tanta emoção? Se a Alemanha, a Italia e o Japão tivessem intenções puras, manter-se-iam calmos, pois as democracias não são belicosas e só muito tarde pensam em defender-se.

«L'Ordre» diz: «Roosevelt acaba de, por meio de palavras decisivas, fazer luzir a esperança de paz, pois é evidente que Roma e Berlim sabem que se chocam não só com a França e a Inglaterra mas ainda com o grande gigante yankee».

O «Excelsior» escreve: «Uma personalidade americana de Paris disse-nos ontem á noite: «a declaração de Roosevelt de que em caso de conflito os Estados Unidos dariam apoio total, com exclusão de auxilio militar, corresponde perfeitamente ao sentimento da opinião publica americana que o presidente sondou, durante muito tempo, antes de tomar posição categorica».

O «Peuple» diz: «As declarações de Roosevelt são um grande acto em que a lucidez se alia á coragem».—(Havas).

Satisfação nos meios governamentais americanos

WASHINGTON, 2. — As declarações de Roosevelt na comissão senatorial do exercito servem de pretexto para a oposição reclamar que todos os assuntos relativos á politica externa sejam levados ao conhecimento do publico. As personalidades do Departamento do Estado e do Departamento do Tesouro exprimem a sua satisfação pelo acolhimento que a comissão fez á exposição do presidente.—(Havas).

A impressão em Berlim

BERLIM, 2.—Todos os jornais alemães atacam, violentamente, Roosevelt pelas suas declarações ante a comissão militar do Senado. Publicam titulos como estes: «Novo discurso de excitação do presidente Roosevelt»—«O inimigo da paz».

O «Berliner Boersen Zeitung» julga, severamente, Roosevelt «que avançou «brutalmente» as suas posições defensivas para França».

Por seu turno, o «Voelkischer Beobachter» receia que «o operario de Pittsburgo e o agricultor do oeste possam um dia ser enviados para o matadouro».

O «Morgen Post» lamenta que a America passe a adoptar uma «politica de imisção em questões que não lhe dizem respeito».—(Havas).

A Alemanha está a fortificar as ilhas Carolinas?

WASHINGTON, 2. — O deputado republicano Maas, na reunião da comissão naval de Camara dos representantes, declarou que recebeu informações de que a Alemanha está a fortificar as ilhas Carolinas, com o consentimento do Japão.—(Havas).

Concentração de tropas russas na Siberia Central

TOQUIO, 2—O Ministerio da Guerra japonês confirma que continuam a ser concentradas grandes quantidades de tropas sovieticas, com numerosos «tanks», carros de assalto, artelharia pesada e ligeira e secções motorizadas de metralhadoras, dentro e nos arredores das cidades de Omsk e Tomsk, na Siberia Central.

O mesmo Ministerio afirma que este facto é bastante grave, motivo pelo qual o Exercito japonês tem de tomar, imediatamente, energicas disposições.

Os altos comandos militares japoneses afirmam, por sua vez, que no caso de rebentar uma guerra nas duas frentes, isto é, no Extremo Oriente e na Africa Ocidental, as tropas sovieticas concentradas na Siberia Central estariam numa posição muito mais vantajosa do que as japonesas ou de qualquer outro país.—(United Press)

Quem o seu não vê...
..... Compre pois, tapeçarias, damascos, etamines, etc., na Casa Elisio Santos — Rua dos Sapateiros trinta e dois.

Arcádia
Hoje — **Grande baile de Mascaras duas Orquestras e Variedades**
Amanhã, e depois CHÁS DANÇANTES EM HONRA DA ESQUADRA INGLESA

ASSEMBLEIA NACIONAL

A ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

continuou hoje a ser apreciada

A' sessão de hoje na Assembleia Nacional, que abriu ás 15 e 20, compareceram 67 deputados.

Antes da ordem do dia usou da palavra o sr. dr. João Camarate Campos para lembrar que a construção de casas economicas implica tambem a de casas baratas na provincia. As cidades pequenas têm poucas casas de renda, e as que tem são más. Evora tomou medidas para reservar para a construção de casas baratas uma verba que não pode aplicar enquanto a isso não fôr autorizada pelo Instituto de Previdencia.

Mais disse o sr. dr. Camarate Campos que a situação da lavoura é má, mas seria pior se não fosse a previdencia do sr. ministro da Agricultura nas medidas relativas ao preço da carne de suino.

O orador, afirmando que não é lavrador, faz votos ardentes para que o diploma relativo aos gremios da lavoura seja tão util como merece.

O sr. dr. Mario de Figueiredo, aproveitando o ensejo, diz que o relatorio dos gremios da lavoura hoje publicado é uma peça notavel, porque discretamente é ali o problema da organização corporativa posto em termos identicos áqueles de que ontem usou para desejar a intervenção do governo.

O sr. Melo Machado disse depois estranhar o facto de estar sendo exigida contribuição industrial aos donos de vacas leiteiras, o que é contra a lei. O sr. dr. Antunes Guimarães confirmou o caso que no norte está prejudicando os que já lutam com as dificuldades da pequena lavoura.

Passando-se á ordem do dja foi aprovado o texto da lei que regula a assistencia de menores a cinemas e teatros, tal como ontem foi publicado no «Diario de Lisboa».

Continuando o debate acêrca da organização corporativa, subiu á tribuna o sr. comandante Alvaro Morna que, por ser a primeira vez que o faz nesta legislatura, saudou o sr. presidente, de quem fez o elogio, e a Assembleia.

Referindo-se á interpelação ao governo acêrca da organização corporativa, da iniciativa do professor dr. Mario de Figueiredo, afirmou o sr. comandante Alvaro Morna que ha tanto a dizer sobre o assunto que só uma ampla generalização poderia esclarecer a questão, conclusão a que chegou pelo estudo e pelo que ontem ouviu na Assembleia Nacional.

«Existe uma doutrina corporativa que vigora em Portugal e, dentro da Constituição, o sistema tem sido criado por decretos varios— disse— assim vivemos em doutrina corporativa. Com razão ou sem ela, levantam-se clamores publicos. Intenção politica, ou mau estar resultante da propria organização?».

O orador, posta assim a questão, diz que na primeira hipotese, o debate teria de terminar já; e, na segunda, seria grave, porque haveria que renunciar á doutrina. Acreditando que se trata apenas de mau funcionamento, impõe-se uma verdadeira generalidade.

E nesta ordem de ideias diz o orador que estamos ante o mais importante problema do momento, porque o clamor publico merece ser ouvido, para o condenar se tem caracter politico, para o atender se corresponde ao mau estar causado pelo mau funcionamento da doutrina. Essa alta função compete á Assembleia Nacional para prestigio do Poder—diz o orador.

O sr. comandante Alvaro Morna continua ocupado com grande interesse pela Assembleia e pela galeria.

Um caso estranho

A sr.ª Gracinda da Conceição, moradora na rua da Beneficencia, 249, apareceu hoje no Torel com três frascos contendo umas mistelas, que diz terem-lhe sido entregues por uma mulher, cujo nome e morada indicou á P. S. P., com o intuito de a envenenar.

Enfermeira
Precisa-se para tomar conta duma doente na Av. Ant.º Augusto d'Aguiar, 165, 1.º (ao Bairro Azul). **Telef. 46819.**

A «SUISSA» Pastelaria e Salão de Chá Rossio, 96 e 98
proporciona o mais encantador «Chá das 5»

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

DO "DIARIO DE JOSE' MARIA"

O VELHO ALBUM

Mais uma vez fui desencantar ao fundo dum armario, o velho album de retratos de familia. De vez em quando dá-me essa veneta e enternece-me ou faz-me rir, folhear as grossas paginas de cartão, passar em revista as dezenas de retratos que o enchem.

Creio que sou eu a unica pessoa viva de todas aquelas cujas imagens o velho album encerra. Tenho lá três retratos meus—aos seis meses, aos oito e aos dez anos. No primeiro estou deitado de bruços em cima duma manta, os olhos muito redondos e espantados, a olhar para a maquina e a rir-me. Ao que parece, com seis meses eu era um alegre companheiro. Palavra que chego a sentir um certo constrangimento quando penso que já tive todo o corpo assim—ás roscas. Já se deixa ver que não tinha barba nenhuma. No segundo tenho dez anos, segundo a data que está escrita nas costas da fotografia pela letra de meu pai. Nunca vi coisa tão caricata! Mascararam-me de Mefistofles! Estou de calção,—uma especie de tanga aos bofes—meia até abaixo, espada de lata á cinta e, como o diabo tem chifres e era necessario respeitar a iconografia historica do Tentador, vá de me pregarem de cada lado duma especie de coifa negra que trago na cabeça, dois tarôlos de veludo, retorcidos e ponteagudos. Não podendo discordar do escrupulo e historicidade que o caso representa, por parte de quem me compôs o figurino, permito-me todavia divergir quanto ao tamenho dos ornamentos. Acho-os demasiado grandes para um diabo tão pequeno. Tanto mais que, ou tive medo de me ver ao espelho naquele preparo, ou os sapatos me apertam, o caso é que, fosse qual fôsse o motivo, estou com uma cara de chôro que me faz imensa pena de mim mesmo, a tantos anos de distancia. Que pobre diabo que eu era, aos oito anos! No fundo sinto que tenho sido mais ou menos aquilo através da vida —com a diferença de, como celibatario impenitente, estar livre de certas preocupações de verdade historica.

No terceiro retrato figuro num grupo, entre meu pai e minha mãi. O meu pai está em trajo domingueiro, sentado numa cadeira, perna traçada, seu ar arrogante de quem posa para a posteridade, como chefe de familia, orgulhoso da sua situação e da sua obra—que sou eu. Pobre e querida sombra, se tu podesses ver o que eu tenho sido e o que sou!

Não lhe segui o exemplo, nunca poderia portanto ter o seu ar compenetrado e orgulhoso. Quando tiver desaparecido, não deixo atrás de mim, um José Maria, para contemplar o meu retrato, com olhos enternecidos. Minha mãi está de pé, encostada de lado sobre o espaldar da cadeira onde a marido se senta. Sinto que a posição em que a colocaram foi uma cousa arranjada pelo fotografo. A retratada não concorda, mas como o seu homem acha bem, resigna-se. Se a deixassem á vontade, sentada ou de pé, estaria naturalmente com o ar de quem diz ao artista — «vá lá, tire lá isso depressa, que eu tenho de olhar pela lida da casa e pelo filho».

Volto a pagina depressa. Faz-me sempre mal aos olhos, olhar para aquele retrato e ela não era mulher para pieguices... E logo a seguir vem o «tio almirante»—um segundo tio de meu pai, que era o grande orgulho da familia. Lá está, de chapeu emplumado sobre os joelhos, farda constelada de medalhas, grandes bigodes, gordo, apopletico, pesado e, no canhão das mangas, uns enormes galões doirados. Suponho que ele seria vice ou contra almirante, mas por vaidade e para simplificar sempre o ouvi tratar por «almirante» apenas. E suponho tambem que o pobre homem nunca *almirantou* coisa nenhuma. Recordo-me vagamente de meu pai me levar duas ou três vezes, a um casarão muito grande á porta do qual estavam marujos. Lembro-me que se subiam muitas escadas, para chegar a uma sala, onde havia homens fardados sentados a secretarias. Numa dessas secretarias, a maior estava o «tio almirante» entre massos de papeis, de olhos claros, fartos bigodes, respirando forte como uma foca que tivesse asma e que falava com uma voz muito fininha, chamando-me «menino» e dando-me palmadinhas na cara. E' curioso como nunca pude dissociar esta imagem do belico parente, dum activo cheiro a refugado em que havia cebola e que entrava pelas janelas da casa onde ele estava. O fotografo, no entanto desconhecedor destes factos, pôs-lhe por fundo do retrato, uma cenografia representando canhões e um mar revolto—em contraste com a doçura dos seus olhos claros e do seu ventre repleto.

Dois outros retratos, que me prendem são os de meu avô e de minha avó materna—a avó Maria Barbara.

São dois retratos da época em que se casaram com vinte e tal anos. Que perfeito rapaz que era o meu avô!—E isto lisongeia-me porque ele se chamava tambem José Maria, como eu. Alto, e lançado, cingido num *frak* preto de bom corte, calça branca justa á perna, chibatinha na mão e bons olhos, feições masculas, seu ar de levantar a cabeça em desafio e uma pera á Napoleão III, bem tratada e sedosa, que eu desconfio que devia ser o seu orgulho.

A avó Maria Barbara essa, coitadinha não percebo como era. Toda ela se perde numa floresta de fitas, de plumas, duma complicada indumentaria. Devia ter os olhos bonitos e usava o cabelo em bandós, caindo-lhe dos lados da cara, dois compridos «saca-rolhas» negros.

A casa onde ela morava com seus pais e onde meu avô a conheceu pertence-me hoje a mim. Lá está a janela em que o meu avô lhe ia falar á escondida dos pais. A' roda é a gravidade duma paisagem de serras. Vê-se o mar ao longe. E há um jardinsito com malva rosa e glicinias a trepar pelos muros altos, onde dizia minha mãi, eles vinham sentar-se, quando ela era pequena, num banco, sombreado pela copa duma arvore, brincando com a filha e arrulhando ainda ternuras duma lua de mel prolongada.

Porque os dois, tinham feito um casamento de paixão. Conheci-o só a ele, de pera, branco, todo curvado, tomando rapé. E penso que gostaria de os ver aos dois, novos e amorosos, sentados no seu banco, vendo a filhita brincar, na serenidade e na paz da paisagem de pinhal e serra, com o sol do poente caindo, nos longes, no azul do mar. Sôbre o jardim, nas tardes de verão, voam andorinhas. Vê-se uma aguia que vem da Arrabida, pairar, muito alta, acima dos montes. O que seria uma tarde dessas há setenta anos? Naquele mesmo local?

Eis agora um outro retrato que me encanta—o da prima Terezinha.

Essa sim que era linda, a prima Terezinha! Foi a primeira mulher cuja imagem me impressionou. Era muito branca, alta, com uns grandes olhos negros, uma boca rasgada e vermelha. Quando ela ia lá a casa, eu corria para ela, estendia-lhe os braços, ela pegava-me ao colo, acariciava-me e eu não podia despregar os meus olhos de garoto da doçura humida dos olhos dela, do escarlate da sua boca e do brilho dos seus dentes. Pobre prima Terezinha! O desgosto que eu tive quando a minha mãi me disse que a não tornaria a ver—tinha os meus quinze anos!

—Porquê?—preguntei, aflito.

E minha mãi com tristeza, baixando os olhos sôbre a costura, disse-me:

—Não pode ser, filho. Eu tenha muita pena dela, mas tem que ser assim.

—Mas porquê mamã?—insisti eu, ancioso. E minha mãi, contrafeita, foi-me elucidando:

—O meu pai não queria que ela voltasse a frequentar a nossa casa. A prima Terezinha, tinha sido obrigada a casar aos dezoito anos, com o sr. Januario d'Abrigada, que eu conhecia muito bem, era quasi da idade de meu pai, com a diferença de ser muito rico e completamente calvo.

Depois, minha mãi acrescentou que eu não tinha idade ainda para compreender certas coisas, mas o certo é que a prima Terezinha «tinha dado um mau passo»—não era recebida por ninguem.

Minha mãi, suspirou, disse:

—E ela era boa rapariga, coitada!... Deus lhe perdoe!

Lembro-me que nessa noite sonhei com a prima Terezinha. Vi-a, a saltar um abismo, a «dar o mau passo», a cair de muito alto. E eu, angustiado gritava, chorava, porque a não podia salvar. Nunca mais a vi. Mas, quando abro este velho album de retratos, demoro-me a olhar o dela—tão linda, tão minha amiga.

Que Deus lhe perdoe o mau passo que ela deu.

E hoje, que já sou crescido e que conheci o Januario d'Abrigada estou bem convencido que Deus lhe perdoou.

RAMADA CURTO

A escultura e os desportes

Discobolo em acção

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

RETRATOS IMPERFEITOS

ULTIMOS APONTAMENTOS

sobre o drama de Tolstoi

O funeral de Tolstöi, despido de pompas religiosas, sem a solenidade propria das cerimonias funebres que constituem homenagens de cunho oficial aos mortos ilustres, foi uma expressiva manifestação de sentimento popular, grandiosa na sua simplicidade impressionante.

No cortejo simbolico que acompanhou o cadaver do romancista a Yasnaia-Poliana não figuravam cruzes ou quaisquer outros emblemas piedosos; não houve discursos, mas, apenas, lagrimas sinceras de uma multidão anonima—a propria alma da nação russa que chorava o drama do seu profeta.

Os filhos de Tolstöi, Sergio, Miguel, André e Elias, conduziram o ataude da camara ardente, em Astapovo, para o comboio que seguiu com destino á estação sertaneja de Zasiéka, a uma distancia de três *verstas* do bosque de Yasnaia-Poliana. A condessa Sofia, muito doente, caminhava a custo, pelo braço do director dos caminhos de ferro, amparada pelos familiares, e, entre os antigos companheiros de Tolstöi, destacaram-se o dr. Makovitzki, Goldenweiser e Vladimir Tchertkov, silenciosos e tristes.

As mulheres do povo e os camponeses ajoelharam na neve, salmodeando orações, e a multidão que alastrava pela campina imensa rompeu em canticos funebres, num côro de vozes doloridas que abafava sôluços e o chôro da pobre gente.

A turba debandou para Yasnaia-Poliana e quando o comboio parou em Zasiéka, milhares de peregrinos estendiam-se ao longo do caminho por onde ia passar o cortejo.

Da estação até á moradia do escritor, estudantes e camponeses formavam alas, entoando hinos piedosos e o cantico dos mortos: «Eterna lembrança».

Ao longe, a multidão sombreava de négro a paisagem branca e as *troikas* que traziam gente dos lugares distantes riscavam traços escuros na neve dos atalhos.

Os quatro filhos do romancista pegaram, de novo, na urna e o prestito seguiu para Yasnaia-Poliana. Grupos de camponeses, com seus trajos caracteristicos, precediam o imenso cortejo e, á frente, dois *mujiks* abriam uma larga faixa, envolta em crepes, com a legenda: «Leão Nicolaievitch, a lembrança dos teus beneficios perdurará sempre entre os camponeses tornados orfãos!».

Outros camponeses, tipos caracteristicos, de longas barbas, cobertos de peliças, e de mãos entrelaçadas, segundo o costume tradicional na Russia, ladeavam o ataude, protegendo o grande morto da onda humana que crescia sempre. E entre filas de povo, delegações de operarios e estudantes ostentavam corôas, palmas e ramos de flôres.

Em Yasnaia-Poliana, depois de lenta caminhada, o cadaver foi colocado no gabinete de trabalho, onde o artista escreveu algumas das suas obras imortais. Na simplicidade do aposento rustico, sobressaía uma estatua de Buda e o eterno sorriso punha no rosto gelado do deus oriental uma expressão enigmatica.

Terminado o desfile, no dia 22 de novembro, organizou-se o derradeiro cortejo até á mata de Afonine, na colina sobranceira ao parque da residencia de Tolstöi, lugar que ele escolhera para repousar na morte.

O vento parecia gemer por entre o arvoredo defolhado e a neve caía do ceu em finos rendilhados que, a pouco e pouco, envolviam a paisagem triste num manto alvo.

Chegados ao local solitario, os camponeses abriram um fosso, entre os troncos das arvores velhas que o evangelista havia plantado na sua infancia.

A multidão descobriu-se e, entre um côro de lagrimas e gemidos que estoiravam nos peitos dilacerados, a urna foi descida. Os companheiros de Tolstoi nivelaram a terra e, pouco depois, tudo ficou sepultado sob a neve. Apenas a saudade dos humildes ficou na legenda simples que o vento agitava e nos ramos de flôres, presos aos troncos, a desfolharem-se e a cobrirem-se de branco, lentamente.

Perderam-se ao longe os ecos das lamentações dos peregrinos que regressavam, muito tristes, aos casebres nos descampados, e, quando, mais tarde, eles voltaram em romaria ao lugar veneravel de Yasnaia-Poliana, sôbre a campa do profeta desabrochavam flôres, á luz imortal do sol criador

* * *

Da obra de Tolstoi, para além da beleza eterna e do misticismo que conduz as almas á resignação contemplativa, ficou o nobre exemplo de um homem de genio, visionario á maneira dos que acreditam na transformação do mundo pela bondade natural do semelhante, que, embora confinado nos limites de uma concepção de humildade, cujas raízes mergulham na pureza do cristianismo e tende ao regresso ao naturismo primitivo, lutou sempre pelo que julgava contribuir para a perfeição humana.

Embora o misticismo exagerado que o levou, no final da vida, a abandonar os homens para procurar Deus, aniquilasse a acção do revolucionario, tornando-o em evangelizador de principios de submissão que fazem do homem um ser inferior, não é dificil descobrir na sua obra o germe das grandes transformações sociais que ele previu e da revolta contra todas as injustiças e tiranias.

A obra de Tolstoi, impregnada de revolta pacifica e de sujeição biblica, não obstante, inspirou muitos revolucionarios; e se os seus discipulos, aqueles que souberam compreender nela o inconformismo e o espirito de rebeldia, foram, depois, atirados para o exilio, na Siberia, sem lograrem impôr a doutrina do mestre como base para as grandes reformas sociais, o pensamento tolstoiano, na sua essencia de bondade infinita, impressionará sempre as consciencias inclinadas á solidariedade humana e á compaixão pelos que sofrem.

Tolstoi, considerado em plano inferior, como filosofo, dominado por sentimentalismos que lhe inspiravam ruidosos protestos de eloquencia exaltada, nos quais o inconsciente triunfava da razão, delineava soluções incoerentes, vazias de sentido prático, em conflito com as legitimas aspirações humanas que tendem ao aperfeiçoamento, pelo progresso da civilização. No auge da sua cristianissima revolta, o idealista obcecado por quimericas visões de uma existencia recuada aos tempos primitivos, exclamava: «Se para que Londres e S. Petersburgo apareçam iluminadas pela electricidade e para que nos deleitemos nos magnificos pavilhões de uma exposição, nos seus quadros, nas suas telas, é preciso sacrificarem-se algumas existencias humanas; iluminem-se Londres e S. Petersburgo a azeite ou a gás, acabem-se com as exposições e com as suas telas».

Esta lamentavel ausencia de senso num homem superior que teve a pretensão de endireitar o mundo, destruindo as mais belas afirmações do genio criador, fazendo retomar a humanidade á sua infancia, ofusca esse espirito luminoso que se engrandece quando refulge em clarões de revolta nas paginas formidaveis onde o escritor castiga os defeitos e os vicios, as injustiças e o despotismo da organização autoritaria.

Se ele mereceu ser combatido, pelas suas atitudes e falsos conceitos de revolucionario, é com inteira justiça considerado, mesmo pelos seus adversarios irredutiveis, como «o grande escritor da nação russa.»

A sua obra, panorama de todas as paixões humanas, não é, apenas, um padrão de gloria na patria do escritor, mas fica para sempre como monumento de fama universal.

Observador profundo—ele tinha cem olhos nos seus olhos, como disse Maximo Gorki!—portentoso no descritivo, Tolstoi foi magistral nas evocações do passado, onde ressurgem, em todo o seu esplendor, o caracteristico da vida na Russia e a alma daquele povo, ao reviver herois e figuras lendarias, que a tradição do país consagrou, genial ao interpretar a odisseia dolorosa dos tristes, a existencia angustiada das multidões de ignorados.

Na opinião de dois romancistas russos, Ivan Bounine e Marc Aldanov, que privaram com o autor de «Ana Karenine» e estudaram a obra e a personalidade do grande artista, «não se deve ignorar que Leão Tolstoi foi o mais subjectivo dos romancistas.

«Anatole France afirmou que um escritor digno dêsse nome falava sempre de si proprio. No que diz respeito a Tolstoi, esta *boutade* não é muito exagerada, tanto ele pôs de seu na sua obra artistica. A sua propria vida é a sumula, a sintese das vidas que ilustram as personagens principais dos seus romances.»

Quem quiser conhecer o escritor, com as suas paixões, as suas ideias, os seus dealentos e as suas amarguras, no conflito intimo que gerou o seu drama, procure em cada tipo dos seus livros os traços autobiograficos. Cada um dêsses individuos é um auto-retrato, como toda a obra reflecte a personalidade moral do autor.

A propria evasão para o desconhecido, afigura-se-nos, depois de conhecida a psicologia de Tolstoi, através da evolução das suas crenças, como desfecho logico da existencia de sofrimento do homem que não encontrou solução para o seu drama de consciencia.

Segundo crê Jules Bois, o ultimo acto do drama de Tolstoi foi o reflexo das doutrinas budistas que ele imitava, talvez inconscientemente, á semelhança dos brahmanes que, de acôrdo com as prescripções do livro sagrado «Os Vedas», quando chega a velhice, abandonam o lar e os amigos e vão viver para as florestas, como anacoretas.

O gesto de Tolstoi foi, assim, diz Bois, o de «um brahmane que foge para Brahma, quando a velhice chega».

Enrique Ferri, o famoso criminalista italiano da escola positiva, reconhece que «Tolstoi, com as suas teorias falsamente evangelicas, fez mais mal á evolução do povo russo, do que todas as policias do czar e todos os Santos Synodos». Ferri proclama a bondade e o talento do escritor, classificando-o de genio, mas diz que sobressaía nele a sentimentalidade, sendo nula a acção, o que fazia de Tolstoi o tipo do homem Santo que Lombroso se propunha estudar, como o homem delinquente e o homem de genio. «Era sempre um mistico».

Deve estar certa a definição que Jules Lamaitre nos dá de Tolstoi:

«Era um homem de genio e um caracter extraordinario. Não era um guia, mas um iluminado».

CESAR DOS SANTOS

«VA' DE RODA»

por Silva Tavares

Silva Tavares deu-nos agora um lindo livro de trovas, que não são, apenas, para ler, mas para o povo as cantar nos seus folguedos típicos. *Vá de Roda* é um ramo fragrante de cravos e rosas, cada um com a sua graça, a sua côr, até mesmo a sua alma de aroma. Silva Tavares surpreendeu, admiravelmente, a forma popular da quadra, dando-lhe, porém, o toque literario que retine oiro, e fixa para sempre, alguns deles, no grande cancioneiro português. Eis escolhidas, ao acaso, algumas dessas maravilhosas quadras.

Vá de roda, raparigas,
que entrou na roda mais um
e quem não vai com cantigas
não vai de modo nenhum!...

Ha-de sempre haver canções
e quadras de bem querer,
enquanto houver corações
dentro do peito a bater!

Não conheço cantador
que se atreva a dar um pio
quando canta o meu amor
cantigas ao desafio!

Formosa, busto perfeito,
airozinha de cintura.
salvo o devido respeito
pareces uma pintura!

Deixa medrar a maldade
que combate o nosso amor:
—As coisas contra-vontade
são as que sabem melhor!

Amizade não se pede.
Pedi-la é não entender
que um estado de alma sucede
porque tem de suceder.

Com tua bôca vermelha
a minha bôca encontrou-se...
Inda ha de nascer a abelha
que fabrique mel mais dôce!

Deixa lá falar quem fala,
deixa lá dizer quem diz:
—Quem por amor não se rala
anda a fingir que é feliz!

Dos calados não me fio...
Tenho sempre no sentido
que onde vai mais fundo o rio
é que faz menos ruido.

Não me peças por amor
o que já não posso dar:
—Não ha desdita maior
do que mentir sem amar.

SILVA TAVARES

ESCRITORES INGLESES

HILAIRE BELLOC

Em 9 de janeiro desembarcou em Portugal um escritor inglês. Refiro-me ao ensaista Belloc. Digo ensaista num sentido um tanto vago, posto que ele já tenha escrito bastantes romances, livros de historia, e até versos, ainda que não geniais, com certo arranque poetico. Em todo o caso julgo que tais obras, em suas mãos mais valem pelo que têm de ensaisticos (digamos assim) do que pelo que têm de romance, historia, ou poesia. Belloc não é propriamente jornalista, mesmo que se dê a si mesmo este titulo. E', antes de tudo, «ensaista» da velha estirpe inglesa, de Addison e Goldsmith; ensaista com o culto da anecdota, ensaista vivo e quasi romancista nos ensaios, como costumam ser os ensaistas ingleses.

As obras de Belloc constituem uma leitura sólida e tradicional, feitas antes para os homens mortos do seculo dezoito do que para os do seculo do proprio Belloc. Já escreveu mais de cem livros e é bem conhecido como escritor no seu país. Mas pode acontecer que algumas das suas obras se tenha vendido á maneira desses livros que aparecem ao publico num momento psicologicamente justo e com as quais os autores ingleses ganham grandes fortunas. A isso chamamos nós ingleses, «best-sellers».

Nasceu em 1870. O pai era francês e a mãi inglesa, mas foi criado e educado em Inglaterra, embora, terminada a sua educação, tivesse voltado a França para fazer o serviço militar, de acôrdo com a sua dupla nacionalidade inglesa e francesa. Depois voltou a Inglaterra, de que fez sua residencia e patria. E', de facto, inglês, e além disso fala inglês com mais á-vontade do que francês.

Para mim o aspecto mais interessante de Belloc é a sua literatura de viagem. Duas das suas mais celebres obras são «Os Pireneus», e «O Caminho de Roma», —o ultimo é a narrativa duma viagem a pé até Roma. Ha tambem um livro dele que se chama «A Viagem da Nona», descrição dumas corridas que o autor fez num navio á vela.

Belloc é catolico, e era grande amigo dum outro escritor catolico inglês, Chesterton, mais conhecido do que ele fôra de Inglaterra. Chesterton, que tinha certo talento como desenhador, fez as ilustrações de alguns dos livros do seu amigo.

Vem com pouca demora a Portugal; deve voltar no proximo verão. E' bastante provavel que escreva qualquer coisa sobre este país. Se o fizer, como tem feito em outros livros de viagem, será um verdadeiro acontecimento literario.

CHARLES DAVID LEY

«DAMIA»

(A' voz de sortilegio, que me envilece e consola).

Roda o disco. A agulha fere-o!
A voz é Dôr e Misterio
e alegria duns segundos
e ronco de agonizar!
«Souteneurs» lindos—imundos—
penumbra de lupanar,
aroma d'algum turibulo,
cadencia de acordéon,
—mundo visto d'um proetibulo
onde o vicio fôsse bom
e nobre
e rico
e pobre
e triste
e inteligente
e fôssem flores as navalhas em riste
e nos tingisse todo o sangue quente
das pobrinhas que amaram, sendo amadas,
e morreram felizes
cosidas de facadas.

* * *

E' Montparnasse e la Seine;
são a antiga «Bohéme» e os novos «gigolos».
Um lenço que nos acene,
uma dôr—que nos serene...
E' mais que Arte, porque é Dó superior
por esta vida de pó
feito em lama, no pranto duma Dôr.

(Que é agua
da velha fonte da Mágua!)

(Do livro em preparação «Cirios»)

RODRIGO DE MELO

POESIA CRISTÃ

«AS SETE PALAVRAS DE NOSSA SENHORA»

por Moreira das Neves

Moreira das Neves deu-nos agora mais um lampejo do seu belo talento poetico. Comovidamente, fala-nos da mãi de Jesus, com suave unção, numa atitude de extase, comentando as suas belas palavras, que contêm, além do expresso na sua realidade, mundos inconcretos de divino misterio. O grande poeta dos temas religiosos dir-se-ia que cantou desta vez mais alto, por vezes, em fremitos de angustia, outras sereno e doce, como querendo prender as estrelas do ceu a essa oração de sofrego e ansioso misticismo. «As Sete Palavras de Nossa Senhora» têm trechos duma palpitação muito bela, puros como a agua das fontes, que não se bebe, apenas, mas se beija, num acto de adoração.

Eis um dos seus poemas, que brilhante afirma a vocação lirica de Moreira das Neves.

Vem na Biblia Santa. Galileia. Um dia.
já no fim da tarde, quando o sol mórria,
era a terra um berço. Nazaré dormia.
Nazaré sonhava.

Nem um surto de asas. Mil milhões de estrelas
eram infinitas procissões de velas
em que a lua branca num andor passava...

E o luar nascia por detrás dos montes,
a cobrir caminhos, descampados, fontes,
árvores, areias do oriente loiro.

De-repente abriu-se sôbre o azul profundo
um clarão tão puro, que lembrava ao mundo
astros explodindo num diluvio de oiro.

Eis o Anjo Heróico do Senhor que vem,
todo em luz e neve, do formoso Além,
entregar, á Virgem, divinal mensagem.

Serafins do espaço, ponde-vos á espreita!
Vai falar o Anjo Gabriel á Eleita
do Senhor. Ouvi-o em sua voz de aragem:

— Avé, Maria, Senhora,
cheia de graça e de aurora!

Pequena é o teu abrigo,
mas o Senhor é contigo!

Cheia de graça e de aurora,
avé, Maria, Senhora!

E assustou-se a Virgem como um passarinho
na pureza intacta e augusta do seu ninho,
Nazaré dormente sob o luar risonho.

Recolhendo as asas, perfumando o ar,
disse mais o Anjo, numa voz sem par,
com palavras feitas de misterio e sonho:

— Não tremas, só por me veres,
ó Bemdita entre as mulheres.

Puseste os olhos nos ceus
e achaste a graça de Deus.

Hás-de dar um filho á luz
a quem chamarás Jesus.

E Jesus há-de ser rei
dum reino que nem eu sei...

Ora, a Virgem Doce, com o peito arfando,
disse ao Mensageiro, num murmurio brando:

— TUDO QUE DIZES É VÃO,
POIS NÃO CONHEÇO VARÃO!

MOREIRA DAS NEVES

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

Portugal—país situado a ocidente da Peninsula, banhado pelo Oceano, com seis milhões de habitantes, etc. Com estas resumidas noções, a nossa historia não tem explicação, se a não contarmos como um prodigio, á face do mundo.

Ser César ou Napoleão—eis o desespero dos que nasceram para papeis secundarios. Em todo o caso, os criados de quarto dos marechais preferem, modestamente, as fardas usadas ao glorioso bastão.

JOAQUIM MANSO

«VIENT DE PARAITRE»

«A mulher redimida», romance

por Amadeu de Freitas

Amadeu de Freitas, jornalista e escritor de rara sensibilidade, de inteligente penetração e espirito critico, ajustado como poucos á epoca actual, confirmou o seu brilhante talento de romancista com um novo livro «A mulher redimida». Livro que por igual afirma o poder de observação, a ductilidade da linguagem e um expressivo sentimento de humanidade e de beleza, é dele o capitulo seguinte:

Bateram as três horas e José Augusto passeava nas Avenidas Novas e desertas, continuando a sonhar e a construir castelos de cartas, que não resistiam a um sopro. Pouco depois, com o coração a pular desordenadamente, tremendo de ansiedade, foi andando para a rua do palacete de Helena Maria. Chegou lá, seriam umas quatro horas. Esperou, de longe, largos minutos, observando com olhar de lince todas as janelas, uma a uma. Deu duas ou três voltas, escondeu-se numa esquina por causa do guarda nocturno que rondava e, armado de coragem excepcional, torneou o edificio e entrou resolutamente na travessa escura, quasi num bêco para onde dava parte do jardim. Lá estava o portão, estreito e pintado de verde, a chamá-lo, a provocá-lo. Teve certo medo, agarrando, num frenesi, a chave que meteu na algibeira. E se o guarda nocturno o visse introduzir a chave na fechadura, como um larapio perito em chaves falsas? Correu, num pulo, ao principio da travessa e, verificando que o «sereno» andava longe, voltou apressado, puxou da chave, abriu o portão e o mais silenciosamente possivel, entrou no jardim escuro e deserto e resolveu-se a esperar, escondido sob uma palmeira que, providencialmente, ali havia sido plantada. Bateu a badalada das quatro e meia na torre de uma igreja. O vento começava a rugir e uma chuva miudinha, impertinente e continua, molhava as arvores e a terra. Das fôlhas da palmeira a agua já escorria. O homem que ia em busca do amor estava ridiculamente encharcado e com os pés sôbre a lama quando deram as cinco horas.

—Não vem — murmurava José Augusto. Ou a velha a não deixou em toda a noite ou ela reconsiderou e resolveu não vir ... E' preciso que se goste muito de uma mulher para fazer estas figuras... Ah! o Antonio Silva parece começar a ter razão!...

Ouviu, então, um estalido, uma porta que se abria. Olhou. Uma figura alta e esguia, envolta num casaco cinzento-claro, apareceu no alto da escada de pedra, uma figura que se assemelhava ao fantasma da manhã a esvoaçar na igreja. Era ela... Era ela...

José Augusto teve vontade de gritar, mas reprimiu o grito, vontade de correr para ela, abraçá-la, levá-la, coberta de beijos e de caricias... Não teve tempo, sequer, de pensar duas vezes nêsse louco projecto, porque Helena Maria, apressada e ofegante, dirigiu-se-lhe, encostando-se, exausta e deprimida, ao tronco da palmeira.

Ele tomou-lhe as mãos ternamente:

—Helena Maria...

—José Augusto... Isto foi uma loucura... Tem que ser a ultima...

—Uma loucura? A ultima? Porquê, Helena Maria? Que ha de pecado nesta afeição por ti, nêste doido amor que me consome? Então é uma loucura gostarmos um do outro...

—Um do outro?

—Quê? Não me amas, Helena Maria?

—Perdôa-me... Não sei... Vivo uma tragica e alucinada existencia... Já não sou uma mulher como as outras, altiva e nobre... Sou pura, José Augusto, sou pura! e no entanto, meu pobre amigo, considero-me, nêste momento de confissão, a mais indigna das mulheres...

—Pecaste, Helena Maria?

—Pequei, sim. E' preciso que te diga tudo, te confesse tudo, para que me odeies e me desprezes como mereço e te afastes para sempre... Pequei, meu bom, meu querido José Augusto, contra Deus, contra esse amor que me consagras, contra mim propria, contra as leis eternas do Criador... Sou indigna de ti, indigna para sempre. Perdime... Desvairaram-me com luxos, riquezas e prazeres... Rodearam-me de uma sociedade nova, uma gente como não ha outra, que troça de tudo e de todos... Subjugaram-me, alucinaram-me, apossaram-se do meu corpo e da minha alma. Sou outra, José Augusto, outra mulher que se ri da Natureza... Sou indigna de ti, não mereço que penses em mim...

—Oh! Helena Maria!

—Perdôa-me, José Augusto, perdôa-me... Gostei de ti, muito, muito... Mas afastaram-me... Primeiro, disseram-me que eras um mau homem—tu, meu José Augusto!—depois, que essa tua maldade era comum a todos os homens... Pouco a pouco, sem eu dar por isso, D. Teresa, que me adora, apossou-se de mim, infiltrando-se no meu ser, perturbando-me, vencendo-me... Agora, o passado morreu... Sou outra... Esquece-me, José Augusto, esquece-me!

—Não posso...

—Podes. Seria indigno de ti continuares a gostar de uma mulher como eu, uma desgraçada sem vontade, governada pela vontade doutra mulher... Sou uma coisa que para aqui anda, guiada como um automato... Já não posso amar, José Augusto, já não posso amar!...

—Minha querida Helena Maria, sossega...

—Não me lamentes, esquece-me. Disse-te tudo, tudo! Vai-te, meu amigo, foge... E's tão novo e tão bonito! Quantas e quantas raparigas ha por esse mundo que desejem construir um lar contigo, quantas e quantas raparigas que te amem fervorosamente como a um Deus Novo... Vai, José Augusto, é o Destino quem manda e não devemos lutar contra o Destino... Eu tambem lutei dias e dias, muitos meses. Tambem me revoltei contra esta vida miseravel e baixa que levo agora... Revoltei-me, uma noite, em Hendaia, e tentei fugir para ti—para ti, José Augusto!... Tornei a revoltar-me, em Paris, escrevendo-te uma longa carta em que te contava a minha angustia e te pedia que me salvasses... Fui descoberta, acusada, esmagada com olhares de fogo e improperios... Não tive mais fôrças para lutar... Era fraca, uma pobre mulher desamparada numa cidade imensa, onde ha um bandido a cada canto e uma devassa a cada esquina... Cedi, José Augusto, cedi a tudo, desci ao abismo... Já não posso sair dêle... Perdi-me!

José Augusto estava sufocado com as tragicas revelações de Helena Maria e nem podia articular palavra, reprimindo duas lagrimas. Por fim, teimoso na sua fé, animou-a:

—Não és culpada, Helena Maria, és vitima... Deus te perdoará... Hei de salvar-te!

—Não o tentes, José Augusto! Seria atolares-te na lama onde cai... Não!... Está escrito no livro do Destino—cumpra-se! Suplico-te que me esqueças... Suplico-te por alma da minha mãi, que tu evocaste, lembras-te, naquela noite de Amarante...

—Helena Maria...

—Tem coragem, José Augusto... Acabou tudo... Era preciso que soubesses isto. Adeus... é tarde... ela pode levantar-se de repente e dar pela minha falta... Que escandalo, meu Deus!... Vai, meu José Augusto, meu irmão, meu amigo... Esquece-me. Morri para o amor... Não sou dona do meu corpo nem da minha alma... Vai... Adeus...

Helena Maria ofereceu-lhe a fronte, que ele beijou em silencio. Depois, José Augusto, esmagado pela emoção e pela dôr, saiu do jardim, percorreu, a cambalear, a pequena travessa e perdeu-se nas Avenidas. Ela, a tremer de frio, molhada até os ossos, entrou em casa, pela saleta que dava para o jardim. Sentada numa cadeira, fumando como um marujo na sua boquilha de meio metro e embrulhada num casaco enorme, D. Teresa aguardava-a com a feroz ansiedade do chacal á espera da vitima.

SONETOS

Gomis mouriscos, recamados de oiro,
quebraram-se, um a um, em tardes quentes,
no palacio real dalgum rei moiro,
ao som de adufes e tan-tans dolentes

E eu, que tremo das noites e dos poentes,
não tive medo ao magico e ao agoiro ..
Foram as minhas brancas mãos, dolentes,
preversas, a quebrar êsse tesoiro.

Dias de tédio, sempre silenciosos.
¿Onde iludis meus dedos buliçosos,
se já mais nada resta que os distraia?

Tudo quebrei... Agora nos jardins,
vaguelo a esperar, aqueles bergantins,
que hão-de aproar, um dia á minha praia!

Sobe o mar ás longas cumiadas,
repetido na flôr da macieira.
Dormem suores de fainas e canseira
e o silêncio anda, só, pelas estradas.

Quem foi a habilidosa tecedeira
que trabalhou tão bem estas meadas!
Quem foi o desenhista? Serão fadas,
ou foi obra de maga ou feiticeira?

Horas de angustia quando a noite é Espera.
Luar, é mercador duma galera,
que traz rendas de mágoa e de desgosto.

Tanta saudade, Amor! Tudo te chora.
São lagrimas os rios nessa hora...
E rios as que choram no meu rosto!

Natercia Freire

OS LIVROS DA SEMANA

CAMINHOS DO MEU OLHAR
por HERCULANO REBORDAO
DERRADEIROS VERSOS
por ALBERTINA PARAISO
JORNADAS E OUTROS TRABALHOS DO MISSIONARIO BARROSO
por AMADEU CUNHA

I — Maritain e a inteligibilidade da poesia

Vejo-me obrigado a repetir: o caracter circunstancial dos meus artigos e as necessarias condições de espaço a que o jornalismo sujeita, se não desculpam de todo as imprecisões e obscuridades do meu pensamento—quando no meu pensamento ha imprecisões e obscuridades—, pelo menos justificam-nas em parte. Eis por que me é sempre muito grato esclarecer os meus pontos de vista ou precisar as minhas ideias quando alvo de objecções. O meu pensamento assenta num certo numero de intuições que a razão procura aprofundar e apreender. Nada mais natural, portanto, que ser incompleto esse aprofundamento e nebulosa essa apreensão. Todas as objecções que se me façam, dentro do campo das ideias, contribuem, pois, de algum modo, para o melhor aprofundamento e apreensão das minhas intuições. Por isso mesmo me não furto a rectificar as minhas ideias quando reconheço que se lhe fazem objecções inteligentes. Quando não as rectifique, posso, pelo menos, precisá-las. Sou mesmo capaz de abjurar delas. Tudo depende da justeza das objecções que se lhes fizer. E' esta a razão por que respondi *com razões* a uns artigos publicados ha meses na *Seara Nova*. Nêsses artigos discutia-se um problema que me pareceu necessitar de esclarecimento, uma vez que se tratava de ideias que me eram atribuidas. Esclareci-o. Se não esclareci o problema, esclareci, pelo menos, o meu ponto de vista sôbre ele. Mas, como de ideias se tratava, pus de parte as pessoas. Quere dizer, referi-me á *Seara Nova*, sem me referir á pessoa do articulista. Verifico, porém, que isso desagradou ao autor dos tais artigos. Aí o temos, de novo, no ultimo numero daquela revista. Teima. Quere que eu lhe cite o nome. Ele aí vai—Amorim de Carvalho. Demais, não é a primeira vez que o faço. Já aqui tive ocasião de apreciar um livro seu. Era, por sinal, o seu unico livro: um dêstes estudos habeis e teimosos em que o autor acaba por ter razão de mais. Tinha tanta ou tão pouca razão o sr. Amorim de Carvalho que acabou por provar que o poeta Antonio Botto aproveitava maus versos alheios para dêles fazer belos versos proprios. Não satisfeito com o meu comentario critico, o sr. Amorim de Carvalho dirigiu-me numa revista do Porto suplicantes rogos para que eu lhe respondesse ás suas novas e sempre mesmas razões. E' claro que lhe não respondi. Não gosto de tirar convicções a ninguem. O sr. Amorim de Carvalho está convencido de que o poeta Antonio Botto imitou este e aquele. Eu disse achar excelente que um bom poeta aproveite as boas sugestões dos maus poetas. Nada mais tinha a dizer. Mas o sr. Amorim de Carvalho não gostou, e agora não se resigna a que eu esclareça certas ideias que me atribue sem lhe citar o nome a ele. Espero vê-lo satisfeito. Aí fica o seu nome. E vamos ao que importa — as ideias.

E' claro que me não interessa repetir o que já disse sôbre *poesia formalista espectacular* e *poesia essencialmente formal*. O que disse está dito. E' lêr os meus artigos de 27 de outubro e 3 de novembro do ano findo. Como o sr. Amorim de Carvalho *não é leitor assiduo do Diario de Lisboa*, depois de se referir ao meu artigo de 3, que leu por acaso, vai buscar velhos artigos meus e as minhas obras criticas, para provar que eu não «tenho conseguido mais do que confundir, no meio de muitas contradições, o inteligivel com o discursivo». Assente que o sr. Amorim de Carvalho é um pensador *sem contradições* (logo um bem pobre pensador), vejamos como é que ele resolve este problema da minha confusão do *inteligivel* com o *discursivo*. Muito simplesmente: afirmando que para mim a poesia é a negação pura da inteligencia. Isto sem mais aquelas. E depois que, para ele, o inteligivel pode não ser discursivo. Quere dizer: segundo o sr. Amorim de Carvalho, para mim a unica via inteligivel entre o leitor e o poema é o discurso. Como eu nego que o discurso seja poesia, nego a inteligibilidade da poesia. Ora a verdade é que eu nunca neguei a inteligibilidade da poesia. Se a negasse, negaria a propria poesia. Neguei, sim, que os elementos inteligiveis do poema, graças aos quais um poema é lido como *poesia*, fôssem «ideias, discurso, simbolos intelectuais». Isto é: neguei que um poema pudesse ser repetido por outras palavras sem perder a sua virtualidade poetica. Segundo essa minha velha convicção, um poema é poetico por um certo numero de elementos imponderaveis e inefaveis que estão para a sua inteligibilidade como as notas de uma partitura para o instrukmento que as *sonoriza*. Um poema não significa, pois, para mim, nada, absolutamente nada, capaz de ser resumido, definido, repetido, sintetizado, *racionalizado*, numa palavra: um poema, como poema, significa aquilo que só as suas proprias palavras são capazes de exprimir. Para citar Jacques Maritain: «le poème sera à lui seul un univers se suffisont, sans nul besoin de signifier autre chose que lui, et où l'ame doit se laisser enfermer les yeux bandés, pour recevoir comme par la peau, comme par toute la surface du corps, des effluves de nuit qui pénétrent jusqu'au coeur sans qu'on sache comment. *Je suis obscur comme le sentiment*, écrivait Pierre Reverdy, et ses poèmes ont la même obscurité. Pour en éprouver la beauté, qui est grande, il faut consentir d'abord à cette obscurité». (*De la connaissance poétique*, in *Situation de la poesie*, Jacques et Raïssa Maritain. Pag. 91-92).

A citação é longa. Mas era precisa. Por ela o sr. Amorim de Carvalho tem de se convencer de que Maritain pensa sobre a poesia o que o sr. Amorim de Carvalho não é capaz de compreender. Para o sr. Amorim de Carvalho a «inteligibilidade artistica deve estar na ideia e na forma, isto é, na *significação* da obra e no seu *trabalho*. (*Seara Nova, n.º 598*). Quere dizer: para o sr. Amorim de Carvalho, a inteligibilidade de uma obra de arte, incluindo a poesia, está naquilo que ela significa intelectualmente. Da obra de arte em geral pode aceitar-se. Não se pode aceitar isto da poesia. Na poesia aquela *significação* que em qualquer outra obra literaria pode ser de facto «ideologica», como o sr. Amorim de Carvalho lhe chama, surge descabida. Toda a gente sabe que o conteudo «ideologico» de um poema nada tem com a poesia. Tanto assim que os mais belos poemas podem não ter conteudo «ideologico». Quando o têm, não é nele que está o seu *significado* poetico. De resto, o que importa não é esse significado ser inteligivel para o leitor. O importante é ser significativo para o poema. E aqui voltamos a Maritain. Doutoralmente, o sr. Amorim de Carvalho afirma que eu não compreendi Maritain. Vai mais longe: aventa mesmo a hipotese de eu o não ter lido (é um finorio este senhor!). Na opinião do articulista da *Seara Nova*, para Maritain a inteligibilidade é a condição mesma da arte. Exactamente o contrario do que eu supunha, pois eu afirmara que para o autor de *Art et Scolastique* a clareza de uma obra—a sua inteligibilidade—coisa que ninguem pode deixar de reputar fundamental na obra de arte—era antes de tudo clareza e inteligibilidade na propria obra em si mesma. De facto, se eu não tivesse lido *Art et Scolastique* era capaz de me deixar ir nas aguas do sr. Amorim de Carvalho. Mas li. Eis por que posso confirmar, com palavras de Maritain, aquilo que lhe atribui. Evidentemente que Maritain—nem Maritain nem eu, se me dão licença — negámos nunca a inteligibilidade da arte. Negámos, sim, a sua *inteligibilidade* com vista á compreensão, pelo homem. Tudo que participa deste misterio que é o mundo é talvez inteligivel—inteligivel, quere dizer, susceptivel de ser compreendido. Isso não significa que a sua inteligibilidade tenha sido preparada para o homem. Nós é que nos aproximamos da inteligibilidade daquilo que é, que existe, independentemente de nós homens. E' esta a inteligibilidade da obra de arte: é uma inteligibilidade em si mesma, indiferente á inteligibilidade por nós e para nós. Ora se uma obra de arte é uma replica do ser—de qualquer coisa que é, que existe em si mesma—a sua inteligibilidade não se nos dirige directamente a nós. Em principio é uma integibilidade latente, uma inteligibilidade *divina*. Eis por que *Maritain escreveu:* «les mots *clarté, inteligiblité, lumière*, que nous employons pour caracteriser le rôle de la «forme» au coeur des choses, ne désignent pas nécessairement quelque chose de claire et intelligible *pour nous*, mais bien quelque chose de claire et lumineux *en soi*, d'intelligible *en soit*, et c'est souvent ce qui reste obscure á nos yeux, soit a cause de la matiére oú cette forme est enfouie, soit a cause de la transcendance de la forme elle-même dans les chose de l'esprit.» Escreve isto, para concluir chose de l'esprit.» Escreve isto, para concluir: «Définir le beau par l'éclat de la forme,, c'est le définir du même coup par l'éclat d'un mystére».

(*Art et Scolastique*, p. 44-45, nota). E ainda: «C'est un contre-sens catésien que de réduire la clarté *en soi* à la clarté *pour nous*»».

A-final Maritain não me desmente. Nunca me referi a outra inteligibilidade. Atribuí á arte uma missão de clareza em si mesma, não uma missão de clareza expositiva carteseana. Isto bastou para o sr. Amorim de Carvalho afirmar que eu negava a inteligibilidade da poesia. (Não sei mesmo como das minhas considerações de ordem geral sobre a inteligibilidade da arte passou para o caso particular da poesia). Pelo seu lado, ele afirma que toda a arte se dirige á inteligencia—que o seu dominio é a inteligencia—, no que se quere fazer acompanhar de Maritain, quando a verdade é que Maritain, não negando que a inteligencia participe na fruição da beleza, nunca esqueceu que em poesia «elle est loin d'être tout» (*De La connaissance poétique*, p. 115). Eis o meu ponto de vista. Não neguei que a inteligencia colabore na criação poetica; neguei e nego que o factor especifico do estado poetico seja *intelectual*.

II — Poesia Imitativa

Estas considerações afastam-me de um problema que gostaria de abordar a propósito do livro *Caminhos do meu olhar*, de Herculano Rebordão (Pongetti, Rio de Janeiro, 1938). Livros como este fazem-nos pensar que ha, de facto, no homem duas faculdades perfeitamente distintas: a faculdade de imitar e a faculdade de criar. Isto é intuitivo. Mas não é tudo. O que me parece mais importante é que a faculdade de imitar surge exactamente para suprir de qualquer maneira a faculdade mais rara de criar. Quere dizer: quando no homem há qualquer coisa pronta a vibrar com as incidencias da vida—uma qualquer faculdade de sentir a vida emotivamente—surgem nele compensadores. Qunado não é a faculdade de criar formas plasticas onde essa emoção se concretiza com originalidade que entra em acção, eis que rompe a faculdade de repetir imitando. Por isso vemos em todas as literaturas duas ordens de escritores: os que criam e os que repetem, os que se impõem á própria realidade e os que se deixam modelar por ela. Assim, todos aqueles poetas—aos poetas nos estamos referindo—que se servem das formas alheias para exprimir estados próprios de sensibilidade mediocre não são completamente destituidos de inspiração. São, sim, incapazes de encontrar formas originais para a traduzir. Daí cairem na imitação.

E' facto o livro *Caminhos do meu olhar* denunciar uma certa inspiração. Mas uma inspiração insuficiente. O mundo das formas poéticas não se verga perante este poeta—é ele quem se verga perante elas. Dai lançar mão daquelas formas que lhe parecem momentaneamente mais adequadas a exprimir os seus estados rudimentares de inspiração. Por isso, aquilo que poderia ser inspiração propria, pessoal, passa a ser trabalho imitativo. Toda a autonomia individual desaparece: surge o versificador correcto, que oscila entre Teixeira de Pascoais e Correia de Oliveira. A amplitude desta oscilação é sintomática. Pode dizer-se que Correia de Oliveiar está nos antipodas de Pascoais. E, no entanto, Herculano Rebordão vai de um lado ao outro com facilidade. Mas não se fica por aí. Entre um e outro, há Augusto Gil, Lopes Vieira, Antonio Sardinha. Por exemplo:

Numa visão transvaga e transparente.
Como o tombar das sombras á tardinha,
O meu olhar percebe ou adivinha
A presença real dum corpo ausente.

A' parte o duvidoso *transvanga*, um dos muitos neologismos do poeta, e o deminutivo *tardinha*, antes de Correia de Oliveira que de Pascoais, o resto é do autor de *Maranus*. Mas não tarda Lopes Vieira:

— Que levais aí, Senhora
Dona Isabel de Aragão?
— Levo rosas...
— Rosas!
— Levo rosas, pois então!

Mas Sardinha espreita:

Na casa patriarcal ninguem lá mora;
Nasceram ervas mas no meu jardim;
Medram as silvas nos trigais de outrora;
Cresceu-lhe, em volta, um matagal sem fim.

Não é preciso mais. Isto basta. O extraordinario, é Herculano Rebordão transitar facilmente de uma poesia toda nevoas e abstracção como é a poesia de Pascoais para uma poesia toda pitoresco e anecdótico como é a de Correia de Oliveira.

Onde estará a personalidade do poeta que escreve:

Quando eu era
Um sopro do misterio Universal,
Uma caricia em mão de primavera
E a liturgica folha dum missal,

para pouco depois cantar:

Naquela tarde, a Rosa do Cerrado
Encontrara João, o namorado:
— Sabes que mais?
Vou falar a teus pais.
Foi para casar que Deus nos fez os dois?

Evidentemente isto é a prova de uma total impersonalidade. Mas se isto não bastasse para o provar, bastaria ler um poema como *Sede Imponderável* para secompreender que Herculano Rebordão obedece muitas vezes apenas ao artificio das rimas e das imagens. Nos poemas á maneira de Pascoais esse artificio é evidente.

Tenho sede de fontes que não vejo,
Ocultas na fundura das entranhas,
Por debaixo do peso das montanhas
No deserto sem fim do meu desejo.

Analise-se esta quadra e ver-se-á como ela é vazia. Vazia e pobre de expressão. O poeta está mais á vontade quando maneja versos descritivos. Então como tem a rima fácil e o ritmo ligeiro o poema sai natural. Não vai mal nos poemas de circunstancia. O *Regresso da Nau Catrineta* ou *Te-Deum* são poemas aceitais. Salva-os a enfase parnasiana. O *Mundo dos meus brinquedos*, porque aflora uma emoção pessoal, é quasi poesia no nobre sentido da palavra. Enfim: *Caminhos do meu olhar* é um daqueles livros de poemas que só uma tradição poética de longos seculos torna possiveis. Sem ser um bom livro, é um livro correcto. Sem ser o livro de um poeta, é um livro de um razoavel metrificador.

III — Poesia musical

Derradeiros Versos, de Albertina Paraiso, (Lisboa, 1938) é, para assim dizer, um livro em que as fraquezas do volume de Rebordão surgem compensadas por um tom confessional que muito atenua o artificio literario em que ambos foram preparados. Há mais talento literario em Herculano Rebordão. Em Albertina Paraiso há mais emoção poética. Pelo menos há nos seus versos uma musicalidade não só literaria—tambem psicológica.

Derradeiros Versos é um livro de amor. E' um livro de amor escrito por uma mulher que sabe pedir ao homem amado que se deixe ser o espelho da emoção que ela precisa deixar fluir para algures. Albertina Paraiso faz parte do numero daquelas sensibilidades femininas para quem o amor é a temperatura normal. Por isso o próprio mundo surge nos seus poemas colorido consoante as vibrações amorosas da sua alma. Mas em certos poemas transparece mesmo belamente expresso. Assim:

Noite. A cidade dorme. Abro a janela.
O céu, sujo de fumo, é triste, baço.
— Como se lhe pegasse o meu cansaço,
Aqui, além, um vago alvor de estrela
Cruza sem brilho, o negro azul do espaço.

Dorme a cidade. E acorda a mesma dor
Que há tanto é minha e não sei contar...
— Mágoa infinita e sonho embalador,
— Noite de lua antes de vir o luar

E eu olho a noite... Um barco, erguida a vela,
Desce o rio em nostálgico vagar,
Sombra de neve... Entendo-a e vou com ela,
Caminho em seu tranquilo caminhar,
— Eu que sonhei grandes clarões de estrela...
— Eu que conheço a escuridão do mar...

Ha aqui poesia — uma alma sensivel e um ouvido musical.

IV — Um livro consciencioso

A Agencia Geral das Colonias, no seu notavel labor editorial, acaba de publicar mais um livro de Amadeu Cunha. *Jornadas e outros trabalhos do missionario Barroso* (Lisboa, 1938) é o titulo dessa monografia onde Amadeu Cunha nos dá conta do que foi a vocação missionaria e colonizadora do bispo D. Antonio Barroso. Com aquele escrupulo e aquela concisão que já um dia aqui admirámos na obra consagrada por Amadeu Cunha a Mousinho de Albuquerque—este conscienciosо publicista põe-nos em presença das andanças e lutas de D. Antonio Barroso através dessa Africa cada vez mais conhecida graças á presevernça de homens como aquele missionario, e a estudos probos de trabalhadores como Amadeu Cunha.

JOÃO GASPAR SIMÕES